

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS**

MARCOS CALOVI

**O IDEÁRIO DA PERSONAGEM MARGARET SCHLEGEL
NO ROMANCE *HOWARDS END*, DE EDWARD MORGAN FORSTER**

**PORTO ALEGRE
2023**

MARCOS CALOVI

**O IDEÁRIO DA PERSONAGEM MARGARET SCHLEGEL
NO ROMANCE *HOWARDS END*, DE EDWARD MORGAN FORSTER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

**Porto Alegre,
Agosto 2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos Bulhões

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmen Luci Costa e Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Luziane Graciano Martins

CIP - Catalogação na Publicação

Calovi, Marcos
O ideário da personagem Margaret Schlegel no
romance *Howards End*, de Edward Morgan Forster / Marcos
Calovi. -- 2023.
78 f.
Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Literatura Inglesa. 2. Edward Morgan Forster. 3.
Liberalismo Humanista. 4. Only Connect. 5. Crítica
Literária. I. Maggio, Sandra Sirangelo, orient. II.
Título.

MARCOS CALOVI

**O IDEÁRIO DA PERSONAGEM MARGARET SCHLEGEL
NO ROMANCE *HOWARDS END*, DE EDWARD MORGAN FORSTER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 06 de setembro de 2023.

Resultado: Aprovado com conceito B

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Deborah Mondadori Simionato
Doutora pelo PPG Letras UFRGS

Prof. Dr. José Carlos Marques Volcato
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família, a esposa Leonira e os filhos Évelin e Henrique, por tantos momentos em que fui compreendido quando precisei abdicar da companhia de vocês e em que não pude me fazer mais presente para conseguir finalizar os estudos e este trabalho em especial.

Também aos muitos e muitas e queridos e queridas colegas da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre foram solidários em momentos importantes desta caminhada quero estender meu agradecimento sincero.

Mas sou especialmente grato à Professora Dra. Sandra Sirangelo Maggio pela receptividade, cuidado e paciência com que acompanhou este projeto de estudos, sempre desafiando, ajudando a encontrar soluções para os impasses e a consolidar as conquistas. Aprendi muito com a senhora ao longo de vários semestres em disciplinas de Literatura Inglesa, e ainda mais como orientadora desta pesquisa.

Agradeço sobretudo aos Professores Dra. Deborah Mondadori Simionato e Dr. José Carlos Marques Volcato por se disporem a ler e avaliar este trabalho.

*Pois os romances de Forster (...)
são a história de sua alma,
metáforas de si mesmo.*

Daniel R. Schwarz, "The Originality of E. M. Forster"

RESUMO

Esta monografia faz uma leitura do romance *Howards End*, de Edward Morgan Forster, colocando o foco na visão de mundo e nas proposições de vida da personagem Margaret Schlegel. O objetivo da investigação é compreender e discutir o ideário desta personagem no contexto das reflexões e visões de mundo presentes no início do século XX e retratadas nesta obra, ressaltando especialmente o moto “*only connect*”, que epigrafa a obra e reaparece em vários trechos, sempre propondo a relevância da melhor convivência, mediando ideários divergentes. A pesquisa fornece subsídios para refletir sobre este modo de encarar e orientar a vida, que possivelmente emana das vivências de seu autor naquele período da Inglaterra. Para isso, apresenta brevemente o autor, a obra, o contexto histórico e filosófico em que se inserem. Assim, algumas características do livro e da forma como o narrador busca dialogar diretamente com o leitor apontam para uma construção desta personagem de modo a veicular e propor uma forma de ver e viver no mundo na qual se busque equacionar, pela convivência, as diferenças nas perspectivas de vida. A afinidade deste ideário com o liberalismo humanista se faz perceber, bem como influências do grupo de Bloomsbury, do filósofo G. E. Moore e de outros vetores do pensamento progressista de então. Busca-se, portanto, estabelecer o ideário desta personagem central e perceber como o autor a coloca: não apenas ao expressar certa leitura do que ocorre, mas também ao indicar modos de lidar com situações a partir de sua perspectiva. Por fim, busca-se sintetizar os achados quanto às proposições de vida de Margaret Schlegel, deixando espaço para uma renovada reflexão sobre esta proposta no contexto atual.

Palavras-chave: Literatura inglesa. E. M. Forster. *Howards End*. Only Connect. Liberalismo Humanista. Crítica literária.

ABSTRACT

This monograph presents a reading of Edward Morgan Forster's novel *Howards End*, focusing on worldview and life propositions represented by the character Margaret Schlegel. The investigation aims to discuss the values of this character in the context of the portrayal of early twentieth century worldviews, as present in this work. Special attention is given to the motto "only connect", which comes as the epigraph of the novel, reappearing in several passages, stressing the relevance of a better coexistence, and the importance of mediating divergent ideas. The research reflects on different ways of facing and orienting life, and on how they relate to its author's life experience in that period of English life. This is done through connections established with the life of the author, the themes and plot of *Howards End*, and the historical and philosophical context in which they are inserted. Some techniques used in the book – such as the way the narrator directly addresses the readers – contribute to the construction of this character and to the influence it has in the play of different perceptions and life perspectives presented in the story. Margaret Schlegel's interaction with characters reaches the effect of equalizing personal relations among people who belong to different ideological groups. The movements of this character are atuned with the doctrine of Liberal Humanism, proposed by the philosopher G. E. Moore and subscribed by the artists of the Bloomsbury Group and other progressist intellectuals of the time. The considerations presented in this monograph, therefore, reflect on the role played by Margaret Schlegel as a spokesperson who not only presents an interpretation of what occurs, but also as someone who indicates perspectives to deal with complex situations. By extension, this monograph also aims to connect the results of Mrgaret Schlegel's propositions and our present-day challenges in creating bridges among different ideologies and worldviews.

Keywords: English literature. E. M. Forster. *Howards End*. Only Connect. Liberal Humanism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. VIDA E INFLUÊNCIAS DO AUTOR	13
1.1. <i>Informações biográficas de E. M. Forster e sua relação com lugares</i>	13
1.1.1. Fontes	13
1.1.2. Infância e relevância do tempo em Rooksnest	13
1.1.3. Educação e convivência escolar	14
1.1.4. Os tempos em Cambridge	16
1.1.5. Uma formação liberal e vitoriana	17
1.1.6. Entre os Apóstolos de Cambridge	21
1.1.7. O Grupo de Bloomsbury e a influência de G. E. Moore	23
2. O ROMANCE E SUA PERSONAGEM CENTRAL.....	32
2.1. <i>Howards End</i>	32
2.1.1. A constituição do romance	32
2.1.2. A modernidade da obra	37
2.1.3. A condição inglesa, alternativas liberais e a questão do dinheiro	41
2.1.4. Bloomsbury e Moore	52
2.2. <i>A personagem Margaret Schlegel</i>	55
2.2.1. Observações preliminares	55
2.2.2. A família Poston	56
2.2.3. Algumas irmãs na literatura e na vida	56
2.2.4. A mulher que Margaret representa	60
2.2.5. O ideário de Margaret Schlegel	63
2.2.6. O sentido do desafio de “only connect”	65
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo do ideário de Margaret, no contexto desta obra-chave da ficção de Forster, nasce da percepção incipiente que sua primeira leitura provoca: a de que o autor pretende, através desta personagem, manifestar sua própria visão da tensão entre algumas perspectivas de seu tempo, mas, igualmente, que deseja lançar proposições a seus contemporâneos sobre como lidar com diferenças. O mundo de então se transformava profundamente, opondo os valores e modos de vida das elites cultas aos dos grupos empresariais como as alternativas disponíveis à sociedade tradicional de então. Havia também uma busca por caminhos novos, capazes de responder de forma diferente à complexidade da realidade em transformação, superando as limitações de posições extremas. Algumas dessas perspectivas e reações possíveis reverberam ainda hoje em nossas formas de viver no mundo. Esta pesquisa busca, assim, aprofundar esta observação preliminar e fazer jus à colocação mais detida destas visões de mundo e da resposta que a obra apresenta a estas – e outras – tensões atitudinais.

Ao adentrar a vida universitária, Forster conheceu, em diversos grupos em Cambridge, uma vida de reflexão sobre a realidade pessoal, social, literária, artística e filosófica. Neste contexto, um grupo secreto buscava congregar talentos intelectuais para discutir regularmente sobre tópicos apresentados. Os “Apóstolos” tinham suas falas e colocações qualificadas registradas. Em Londres, outro agrupamento, mais espontâneo, surgiu desse contexto, congregando intelectuais ligados especialmente às letras e às artes: o chamado grupo de Bloomsbury. Este espaço de discussões também começou com encontros semanais regulares, mas não secretos nem protocolares. Emergiu da afinidade de alguns dos integrantes dos Apóstolos, mas com outra atmosfera, mais intuitiva e livre. Em ambos os espaços se respirava a novidade do modo de pensar do filósofo George Edward Moore. Nesse espírito também podemos situar as raízes da expressão *only connect*, tão característica da proposição forsteriana, mas que precisa ser devidamente entendida em seu contexto histórico de surgimento e na maneira como Forster a emprega em *Howards End*, especialmente nas falas de Margaret Schlegel. Explicitar o pensamento e a postura desta personagem pode elucidar melhor a complexa elaboração ficcional de Forster quanto às alternativas mais destacadas na sociedade de seu tempo, e também nos leva a repensar criticamente as nossas percepções de caminhos possíveis hoje, tanto em termos de ideias como em termos de modos de vida propostos. Alguns tópicos constituintes daquele momento da Modernidade são evocados *en passant*, como a

emancipação feminina, os papéis possíveis para as mulheres, os limites e horizontes de sua participação política e cidadã, mas também o comprometimento indireto das mulheres e homens ‘progressistas’ com as mesmas práticas de exploração capitalista, imperialista, extrativista a que teoricamente se opunham. O apelo dialógico reiterado do narrador de *Howards End* é mais um indício de que Forster deseja conversar com o leitor de sua obra sobre estas questões.

A pesquisa sobre sua elaboração ficcional de *Howards End* ainda avança, e é pouco conhecida no contexto brasileiro. Após muita pesquisa e estudos sobre sua obra ainda em vida, seu falecimento em 1970, com a paulatina divulgação de anotações, cartas e documentos que decidiu preservar, trouxe à tona novos aspectos de sua vida pessoal e intelectual, e lançaram novas luzes sobre seu trabalho. Com o desvelamento de sua reclusa homossexualidade, muito da discussão centrou-se em dar conta deste aspecto impronunciado da vida do autor. A publicação póstuma de seu romance *Maurice* também exigiu da crítica perceber a relevância desta condição silenciada em outras obras e escritos de Forster. Vivenciada esta ênfase, relatos de pesquisa mais recentes deixam perceber que ainda há muito por refletir sobre a escrita forsteriana, sua visão de mundo, sua complexa elaboração, a riqueza e as formas sutis como ele aborda e nos faz pensar sobre várias questões. Esta pesquisa busca, portanto, refletir sobre a personagem Margaret desde algumas questões, e subsidiar o debate sobre esta obra com um olhar mais atento à cuidadosa elaboração de Forster. Quem é e o que pensa Margaret Schlegel, personagem central do romance preferido de E. M. Forster? Com independência financeira e ideológica ainda incomuns para mulheres de seu tempo, ela e o narrador conduzem o leitor à reflexão sobre vários aspectos da convivência social naqueles tempos. Esta personagem deriva de outros modelos literários ou inspira-se em pessoas conhecidas pelo autor? Como ela se coloca diante das contradições de seu meio? Em que medida ela representa e expressa o ideário liberal humanista, o pensamento ético e estético de G. E. Moore, as visões do grupo de Bloomsbury? Até que ponto Margaret é imagem de uma nova mulher britânica ou ainda reverbera o moralismo e o papel da mulher vitoriana? Como se pode compreender o “only connect” de que Margaret faz missionária?

Para responder a tudo isso parto, no primeiro capítulo, de uma apresentação sucinta de aspectos biográficos relevantes do autor até a época de composição de *Howards End*, salientando vivências e ambientes que ressoam em locais e situações da obra. Ali discorro também sobre as características de grupos e ideários que influenciaram o autor e que, de alguma forma, se apresentam ao leitor. No segundo capítulo abordo a obra e a personagem. Considero, inicialmente, como a obra *Howards End* se constituiu, em que medida se pode falar ali de uma

obra moderna, sua relação com as discussões sobre a condição inglesa, as alternativas liberais que se apresentavam e como a questão do dinheiro é problematizada. Também pontuo a influência do grupo de Bloomsbury e do filósofo George Edward Moore em sua elaboração. Depois, avanço para perceber a personagem Margaret, como ela vive sua condição de mulher em relação a outras mulheres e homens, especialmente os Wilcox e os Bast. Procuo sondar o modo como Margaret se relaciona com a dimensão mística da realidade rural, e em que medida a família Poston e também outras irmãs na literatura e nas vivências de Forster repercutiram na composição desta personagem, e com isso chego a delinear mais claramente o ideário de Margaret Schlegel, investigando brevemente ainda a compreensão da epígrafe “Only connect”, sua relação com o pensamento de Moore, e algumas utilizações dessa expressão na obra.

1. VIDA E INFLUÊNCIAS DO AUTOR

1.1. Informações biográficas de E. M. Forster e sua relação com lugares

1.1.1. Fontes

Há muito escrito sobre o autor Edward Morgan Forster e sobre seu renomado romance *Howards End*. Sendo essencial restringir essa abrangência, limito-me a mencionar alguns dados marcantes da biografia do autor, especialmente aqueles relacionados às conexões da obra com a vida do autor e com sua casa de infância, ou seja, considerações que informam sobre o contexto e influências que inspiram o romance *Howards End* e o ideário de sua personagem Margaret. Para tanto, recorre-se aqui a várias obras, mas destaco a relevância de algumas obras gerais sobre o autor e seus romances, como biografias (Furbank, Moffat, Page), compêndios (Bradschaw, Beauman, Tambling), comentários (Kermode, Lago, Martin, Medalie, Sarker) e outras (Stape, Aguiar, Fordonsky).

1.1.2. Infância e relevância do tempo em Rooksnest

Nascida em Londres em 1879, a criança foi inicialmente registrada Henry Morgan. Mas na pia batismal, por confusão no preenchimento dos papéis por parte do pai, tornou-se Edward Morgan Forster, deixando de homenagear o avô para receber o nome paterno. Seu pai Edward faleceu antes de Morgan completar dois anos de idade por tuberculose, aos 33 anos. A mãe Lily, então com 25 anos, não tinha posses de família, mas herdou do esposo o suficiente para uma vida modesta. Inicialmente ficaram com a tia paterna e outros parentes, mas ao cabo de um ano a mãe decidiu buscar um lar próprio, e assim encontrou para arrendar uma casa um pouco afastada, quase rural, a propriedade chamada Rooksnest, ao norte de Stevenage, Hertfordshire, onde viveram de 1883 a 1893. Este lar foi marcante em sua vida, sendo uma ambiência que lhe serviu de inspiração para *Howards End*. Nos últimos quatro anos frequentou uma escola preparatória em Eastburne, permanecendo ali durante a semana. Em 1893, com a mudança do proprietário de Rooksnest, lhes foi negada a renovação de contrato. Com isso a família migra para Tonbridge, onde Forster passa a frequentar a Tonbridge School.

Em 1894, estudando em Tonbridge, ele não se integra ao ambiente escolar, se sente muito mal e tem vontade de fugir de tudo. É então que começa a elaborar por escrito suas lembranças da saudosa vida em Rooksnest, que retoma depois em 1901 e bem mais tarde, em 1947. Esse relato demonstra a relevância emocional desta propriedade rural que inspira ambientalmente *Howards End*, e o texto aparece como subsídio na edição da Penguin de 1989,

que adota o texto da Abinger Edition (publicada por Edward Arnold em 1973). Esse anexo expõe as vívidas lembranças desta casa e a forte relação pessoal do autor com este lugar em que teve uma infância muito feliz.

Durante o tempo de estudos em Cambridge, em outubro de 1898, ao visitar a família dos Poston, antigos vizinhos em Rooksnest, Forster fica sabendo da morte do “velho Howard”, antigo proprietário da casa de campo, e faz considerações sobre esta herança. Esta é, possivelmente, a origem do nome ficcional *Howards End* para Rooksnest.

Fotos de arquivo disponíveis na internet e em obras biográficas mostram também que havia um grande e velho olmeiro, um *ulmus glabra* (wych-elm) em destaque na propriedade. No romance, ele sinaliza uma dimensão mística desse ambiente, centrado nesta árvore, tão cara às lembranças da infância rural da sra. Ruth Wilcox. Abaixo, uma imagem da única foto, sem data, que Forster possuía com o olmeiro que lhe era tão estimado, obtida na biblioteca do Kings College em Cambridge, registrada como Forster Papers/27/181 e feita pelo fotógrafo T. B. Latchmore.



Figura 1: Frente da propriedade Rooksnest, com o grande olmeiro.

1.1.3. Educação e convivência escolar

Forster fora educado inicialmente sem sair de casa, com tutores locais, mas depois vai à escola preparatória Kent House em Surrey (1890-93). Seu rendimento é bom, ele aproxima-se das letras clássicas, mas não se entrosa muito e sofre bullying.

Após Kent House, e tendo que sair de Rooksnest, sua mãe opta por mudar-se para Tonbridge, onde Forster irá participar como aluno externo, morando em casa e indo diariamente para a escola. A convivência em Tonbridge (1893-1896) também não foi muito positiva, pois sentia-se pressionado e perseguido por colegas. Aparentemente, a forma de educação ali não abria muito espaço para seu desenvolvimento individual. Sarker (2007, p. 20) afirma que esta escola “era autoritária, afeita à tradição e valorizava o espírito de equipe, e a vida amarga de Forster nesta escola o preparou para torna-lo avesso ao tradicionalismo, anti-autoritário e oposto ao racismo, levando-o a respeitar o individualismo”¹. Ainda assim, foi lá que começou a desenvolver seu apreço pelos clássicos (BEAUMAN, 2006) e que percebeu algo de sua própria homossexualidade ao conviver mais de perto com o colega Reginald Tiddy², experiência que possivelmente foi elaborada mais tarde em personagens dos romances *A Passage to India* e *Maurice*. Em *Howards End*, o personagem secundário Tibby tem nome bastante semelhante, embora pouco se revele na obra. Ainda assim, no romance a tia queixa-se à irmã Margaret por ele não se interessar por coisas ‘masculinas’, tornando o ambiente dos Schlegel demasiado ‘feminino’, artístico, cultural (FORSTER, 1989a, p.55-56). O personagem Tibby é apresentado como introspectivo, voltado quase inteiramente aos estudos e à música. Há comentaristas que buscam vê-lo assemelhando-se ao amigo Tiddy de Forster adolescente, mas Reginald Tiddy parece ter sido mais forte e reconhecido em seu meio, diferindo da condição de fraca saúde de Tibby no romance. Talvez por isso mesmo outros comentaristas consideram que este personagem secundário mostra uma imagem do próprio Forster em Cambridge (GILLIE, p.117). Como quer que se estabeleça uma relação entre o colega e o personagem, e em que medida houve entre Tiddy e Forster uma aproximação maior, note-se que Forster demorou a entender e vivenciar plenamente sua sexualidade, pois somente mais tarde, no período em que esteve em Alexandria, chegou a ter relações físicas, algo que só mencionou a pessoas íntimas. À época em que chegava a Cambridge ocorreu a escandalosa execração de Oscar Wilde, pois a homossexualidade constituía grave crime até 1967, o que contribuiu para que Forster ocultasse

¹ No original: “was authoritarian, tradition-bound, and prized esprit de corps, and Forster’s bitter life in that school prompted him to become anti-traditional, anti-authoritarian and anti-racial, and made him respectful of individualism”. Tradução própria.

² Para maiores detalhes sobre a vida de Reginald John Elliott Tiddy, veja-se o artigo de Anne Pedley (2006). O relato não menciona, como outros biógrafos recentes de Forster, sobre seu envolvimento afetivo, mas o caracteriza como “o último intelectual vitoriano-eduardiano que deixou um tempo glorioso na escola para viver como deão em um *college* de Oxford que ainda ecoa as ‘torres dos sonhos’ imortalizadas na poesia de Matthew Arnold”. Tradução própria. No original: “... the late Victorian-Edwardian intellectual that so easily moved from glorious schooldays to the life of a don at an Oxford college still reminiscent of the ‘dreaming spires’ immortalized in the poetry of Matthew Arnold” (p.4).

o quanto pôde sua homossexualidade. A temática só era abordada de forma restrita em círculos bastante fechados.

1.1.4. Os tempos em Cambridge

Após sair de Tonbridge, Forster vai morar em Cambridge, uma experiência de estudos e de vida que, diferentemente das últimas, começa a se tornar gratificante. O ambiente acadêmico mais aberto, diverso e livre, e sua crescente inserção em diversos círculos de amizade, de estudos e de fraternidade contribuíram para sua integração e desenvolvimento pessoal. Ele fazia passeios de bicicleta, jogava cartas com amigos, participava de diversos círculos, sem sentir-se coagido pelo espírito de grupo como na escola em Tonbridge. Suas qualidades intelectuais começam a ser reconhecidas, especialmente após sua admissão no Kings College em 1897, para estudar os clássicos. Ali encontra Hugh Owen Meredith (H. O. M.), o seu colega mais intelectualizado, de seu ponto de vista, que atrai sua atenção. Ateu, ele se propõe eliminar de Forster os laços com a religião cristã. Em seu lugar, o amigo coloca os ensinamentos morais e éticos do filósofo Georg Edward Moore, então bastante popular na cidade universitária. Meredith também o ajuda a elaborar melhor sua sexualidade, e inspirará, mais adiante, o personagem Clive em *Maurice*. Aparentemente houve um afastamento entre Forster e Meredith mais tarde, talvez por este ter-se casado, rejeitado sua intimidade e não ter gostado de se ver representado em *Maurice*. Nathaniel Wedd foi seu professor preferido, era bem-humorado, de linguagem ácida e um igualitário militante. Também teve grande contato com Goldsworthy Lowes Dickinson, que preconizava as virtudes liberais, como a razão, a decência, a boa vontade, etc, e de quem vai escrever, mais adiante, uma biografia.

Através de Thoby Stephen, que começou a estudar em Cambridge em 1899, teve início o contato de Forster com a família Stephen, especialmente com os filhos de Leslie com Júlia, segunda esposa falecida em 1895, que moravam então em Kensington, nas imediações de Londres. Além de Thoby, irmão mais velho, havia ainda Adrian, Vanessa e Virginia. A morte do pai Leslie em 1904 os motivou a mudarem-se para o bairro Bloomsbury, em Londres. As duas irmãs haviam estudado em casa, com os pais e alguns professores. A mais velha Vanessa interessou-se pela pintura, frequentando a escola de arte de Sir Arthur Cope em 1896 e ingressando na Academia Real Inglesa em 1901. Entre os colegas de Thoby que frequentaram a casa dos Stephen estavam Leonard Woolf, Lytton Strachey, Keynes, Meredith, Forster e Clive Bell. Este último fazia crítica e colecionava arte, e fez duas propostas de casamento a Vanessa, em 1905 e 1906, que ela recusou, só mudando de ideia após a morte do irmão Thoby em 1906,

vindo a casar-se em 1907. Virgínia e Adrian, que até então moravam com ela na Gordon Square 46, resolveram mudar-se para outro endereço nas imediações. Virgínia, que desenvolvia seus próprios estudos de literatura e desejava escrever, acabou conhecendo o estudante de direito Leonard Woolf em um jantar no dia 17 de novembro de 1904, e não demorou a casar-se com ele. Esse é contexto do surgimento do assim chamado ‘Grupo de Bloomsbury’, que começou a formar-se já em 1905, em reuniões para tratar especialmente de literatura e arte, quando todos os irmãos ainda moravam na Gordon Square 46. Quanto a isso ver mais adiante em 1.1.7.

A passagem por Cambridge, portanto, foi um período de encontros e desenvolvimentos pessoais imensos, que tirou Forster de uma condição de objeto de desprezo e perseguições nos tempos escolares para torná-lo cada vez mais consciente de si mesmo, construtor de afinidades e alvo do reconhecimento de suas capacidades e qualidades pessoais. Este rico período em sua vida, em Cambridge e, na sequência, em Londres, entre os amigos de Bloomsbury, será o fundamento para muitos dos contatos e relações que manterá ao longo da vida.

1.1.5. Uma formação liberal e vitoriana

A origem da formação liberal de Forster provavelmente remonte à influência do lado paterno de sua família, especialmente ao avô Henry Thornton, famoso banqueiro e MP, mas também filantropo ligado à chamada ‘seita Clapham’, e também à sua tia, Marianne Thornton, engajada pelos direitos humanos, movimentos abolicionistas e outras causas sociais, além de detentora de uma prestimosa conta bancária, com a qual beneficiou Forster generosamente. Em todo o caso, a influência destes evangélicos abastados e socialmente interessados de Clapham, que refletiam sobre como a sociedade precisa organizar-se para promover condições de desenvolvimento individual sem comprometer a geração de lucros, certamente contribuiu para qualificar a visão liberal de Forster, que mais tarde foi exposta ao debate com colegas, amigos e em grupos de estudo de que veio a participar em Cambridge.

Richard Martin (1974, p.19) define de forma bastante sucinta e precisa as origens e características do liberalismo inglês:

O liberalismo inglês, que desenvolveu-se a partir de reflexões que remontam aos séculos XVII e XVIII, emergiu como doutrina política e social no início do século XIX, intimamente ligada às considerações Utilitaristas de Bentham e James Mill e às teorias econômicas e sociais de Ricardo e Malthus. Essencialmente, o liberalismo era uma doutrina libertária que advogava a máxima liberdade ao indivíduo para pensar, crer, expressar e discutir suas visões, para organizar-se em partidos, para encontrar emprego, comprar e vender, para escolher seus governantes e sua forma de governo. Básico para

um tal credo era a fé na razoabilidade e inata bondade do ser humano, e assim na perfectibilidade humana, que deveria ser alcançada por meio de outro essencial liberal: educação.³

Martin (1974, p.19-20) relata que o liberalismo centrou-se no individualismo e optou pelo princípio do *laissez-faire* em questões econômicas e políticas. Mas colapsou no começo do século XX, quando seus apoiadores adotaram o socialismo como desenvolvimento lógico do liberalismo como filosofia política. Durante essa transição o liberalismo chegou a ser visto como “subproduto do esforço da classe média para alcançar seu lugar ao sol”⁴ (LASKI, 1962, p. 167), uma expressão de seu otimismo, mas também não a deixando perceber o poder que suas posses significavam em relação às pessoas e às coisas (LASKI, 1962, p. 168). Livres de preocupações financeiras, essas pessoas tornariam-se insensíveis ao fardo de pessoas em situação menos favorável. Por outro lado, Martin (1974, p. 20) considera que o liberalismo nesta fase também qualificou a comunicação entre as nações, a tolerância religiosa, o sufrágio universal e estabeleceu o parlamento como norma de convivência. Forjando certa fé na independência moral das pessoas e em sua busca autêntica pelo bem comum, por paz e justiça, o liberalismo desenvolveu uma visão moralizante, idealizada, especialmente entre pessoas privilegiadas.

Uma referência liberal humanista mais facilmente identificável em Forster é Matthew Arnold. Ao final da introdução a seu livro *Culture and Anarchy* ele diz: “Sou um liberal, mas um liberal equilibrado pela experiência, reflexão e despojamento, e sou, sobretudo, alguém que acredita na cultura”⁵ (ARNOLD, 2006, p.32). Sebastian Lecourt coloca de forma bastante sucinta a visão de Arnold sobre como certa ‘cultura’ literária poderia ajudar a reduzir as tensões e diferenças de classe entre os britânicos:

Arnold (...) foi um tipo de nacionalista cultural que tentou combater a divisão de classes britânica prescrevendo um conjunto normativo de livros que poderia reforçar uma linguagem comum para seus compatriotas. Sua principal

³ No original: “English Liberalism, which developed out of the philosophical speculations of the 17th and 18th centuries, emerged as a political and social doctrine in the early 19th century, closely related to the Utilitarian speculations of Bentham and James Mill, and to the economic and social theories of Ricardo and Malthus. Essentially, liberalism was a libertarian doctrine which advocated the maximum freedom of individuals to think, believe, express and discuss views, to organise in parties, to find employment, buy and sell, to choose their rulers and their form of government. Basic to such a creed was the belief in man's reasonableness and innate goodness, and thus in man's perfectability, which was to be achieved by means of another liberal essential: education.”. Tradução própria.

⁴ No original: “a by-product of the effort of the middle class to win its place in the sun”. Tradução própria.

⁵ No original: “I am a Liberal, yet I am a Liberal tempered by experience, reflection, and renouncement, and I am, above all, a believer in culture”. Tradução própria.

tese foi que havia uma tradição singular de grandes livros considerados ‘cultura’ que incorporaria ‘o melhor que se conhece e se pensa no mundo’. Cada um na Grã-Bretanha precisaria manter-se lendo estes livros se a nação deseja preservar uma identidade comum e não mergulhar no caos.⁶ (LECOURT, 2021, p. 361-362)

Arnold, em seu liberalismo humanista, propunha um caminho para orientar visando a inclusão das massas através de certa forma de imersão dirigida a alguns conteúdos literários. Ele visava tornar mais homogênea a linguagem e o modo de ver o mundo entre os britânicos, uma ‘democratização cultural’ que contribuiria para resgatar os desclassificados da sociedade.

O Novo Liberalismo foi um conjunto de medidas de proteção social (reformas legislativas) que se constituiu entre 1906 e o início da primeira grande guerra. Não se tratava de políticas públicas rumo ao estado de proteção social (*welfare state*), como surgiu nos anos 1940, mas tinham caráter caritativo, focavam no fortalecimento da confiança subjetiva e na formação do caráter da população, partindo de uma percepção mais orgânica dos problemas sociais desde um pensamento social idealista. A ideia era humanizar a cultura, fazê-la mais eficiente não apenas para as pessoas cultas e estudadas, mas também entre a população trabalhadora.

Os limites dessa visão humanista são destacados por Forster em sua biografia de Dickinson, como bem resume Medalie (2002, p.45): “como a cultura pode conferir distinção e, ao mesmo tempo, funcionar como agente de democratização?”⁷:

Se [Dickinson] se mantivesse afastado das pessoas comuns, como poderia ajuda-las, e se ele se lançasse para dentro de suas vidas, não se tornaria como eles? (...) Abandonar a cultura e a sensibilidade na esperança de romper barreiras sempre pareceu-lhe um expediente desesperado.⁸ (FORSTER; LEGG, 1934, p. 49)

Em uma entrevista com Wilfrid Stone em 1965, Forster confirma referir-se conscientemente a Matthew Arnold, mas, mesmo sem poder explicitar as diferenças, se diz

⁶ No original: “Arnold (...) was a kind of cultural nationalist trying to fight class divisions within Britain by prescribing a narrow canon of books that could shore up a common language for his compatriots. His main claim was that there was a singular tradition of great books called “culture” that embodied “the best that is known and thought in the world.” Everyone in Britain needed to keep reading these books if the nation were to retain a shared identity and not fall into chaos.” Tradução própria.

⁷ No original: “how is culture to confer distinction, and, simultaneously, to function as an agent of democratisation?”. Tradução própria.

⁸ No original: “If [Dickinson] held aloof from ordinary people, how could he help them, and if he threw himself into their lives, should he not become like them? (...) To abandon culture and blunt sensitiveness in the hope of breaking down barriers always seemed to him a desperate expedient.” Tradução própria.

muito feliz porque o interlocutor as percebe (STONE; FORSTER, 1997, p. 70-71). Ora, o apelo mobilizador de Arnold era capaz de seduzir muitas pessoas ao envolvimento por sua causa, provocando adesão não apenas entre os trabalhadores, mas também na elite intelectual. Martin considera que Arnold e Forster partilham da crença de que a classe média pode ser muito importante para esse processo de mudança, mas Arnold vê isso como um processo de aperfeiçoamento humano possível, enquanto Forster nutre esta esperança, mas percebe e denuncia as dificuldades de promover melhorias através de um acesso a certos bens culturais (MARTIN, 1974, p.27 passim).

Outro autor bastante referido, de ideário semelhante, é Ruskin, que também pretende democratizar a arte e a cultura vitoriana. No início do século XX as ideias e projetos educacionais de Ruskin efervesciam. Um dos entusiastas era John Howard Whitehouse,

algo crucial logo se colocou diante de tanta crítica: a aceitação de seu discurso pelas classes trabalhadoras do país. O apelo a seus corações e imaginação foi incontestável: logo perceberam que lhes falava alguém simpático às vidas que levavam, e que desejava criar para eles aqui e agora um mundo novo e mais feliz.⁹ (WHITEHOUSE, 1920, p. 10)

Heterick (1998, p. 268-271) também entende que, nos primeiros romances, Forster aproxima-se de Ruskin na construção de um ideal feminino, mas se afasta desse autor no que tange à prescrição de livros, chegando a um Leonard Bast que inicialmente se entusiasmava e se esforçava sob a orientação de Ruskin, mas depois percebe a falácia desta solução e rejeita a visão de que seria possível melhorar a sociedade através da imitação e absorção de boa literatura, como se fosse um remédio para a ignorância e outras mazelas sociais. Dessa ambivalência Heterick (1998, p. 269-270) depreende que Forster evita seguir tão de perto a estrutura de trabalho de Ruskin, mas não deixa admirar sua escrita e de ser influenciado por sua forma de elaboração. Além das diferenças de visão sobre a sociedade, em termos literários, a influência de Ruskin sobre Forster foi tal que ele parece ter buscado distanciar-se dele como modelo para poder afirmar sua própria criatividade.

⁹ No original: “one vital fact soon emerged above the sea of criticism. That was the reception of his teaching by the working classes of this country. The appeal to their hearts and imagination was undoubted. They soon realised that one with sympathy for the lives they led was speaking to them, and that he wished to create for them here and now a new and happier world”. Tradução própria.

1.1.6. Entre os Apóstolos de Cambridge

Após formar-se, em 1901, ele é convidado a participar de um grupo bastante exclusivo, o ‘Grupo dos Apóstolos’, a convite de Meredith. A associação secreta fora criada inicialmente em 1820 como *Cambridge Conversazione Society*, e incluiu notáveis intelectuais de Cambridge como, ao tempo de Forster, G. E. Moore, J. Maynard Keynes, Leonard Woolf, Lytton Strachey. O apelido ‘Apóstolos’ parece derivar-se do número de participantes ativos e de sua auto-percepção como escolhidos e porta-vozes de novas percepções em prol da comunidade maior. Especialmente nos séculos XIX e XX, o grupo incluiu eminentes Vitorianos e notáveis personalidades com contribuições em diversas áreas da produção cultural e científica, mas também na política, e vários de seus membros se tornaram parlamentares de destaque, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos.

O grupo passou a ser de conhecimento público a partir de um escândalo durante a Guerra Fria: entre 1979 e 1982 alguns membros que participavam de uma rede de espionagem comunista foram descobertos, e ao menos quatro pessoas em posições destacadas do governo britânico teriam passado informações sensíveis à KGB. Guy Burgess, Antony Blunt e Leo Long estão entre os Apóstolos envolvidos. Com isso, a já polêmica expressão de Forster de 1938, em “Dois brindes à Democracia”, quando ele afirma que, tendo que escolher entre um amigo e a pátria, gostaria de ter coragem para escolher um amigo, foi interpretada por alguns como uma anuência à traição. Na sequência também houveram pesquisas tendenciosas, homofóbicas, entre as quais destacou-se a de Richard Deacon (1986), que chegou a falar em uma ‘máfia homossexual’ e quis ver no grupo um antro de pervertidos e de atividades questionáveis a se proteger mutuamente pelo voto de silêncio. Mas as acusações não se sustentaram, apesar de vicejarem, alimentadas pelas fantasias relacionadas às causas do sigilo do grupo. Pesquisas mais sérias, como as de Rosenbaum (1987) e Lubenow (1998, 2010), acabam por destacar o papel do grupo no questionamento dos valores vigentes, que levaram o contexto acadêmico de Cambridge e, depois, também de Oxford, a avançar tanto em termos de pesquisas mais detidas como em várias percepções da vida em sociedade, das relações entre as pessoas, sem as amarras da visão tradicional e moralista que muitas vezes prevaleceu na sociedade. O sigilo sobre o grupo e suas discussões visava primeiramente resguardar os participantes e permitir uma discussão verdadeiramente livre sobre temas tensos e várias vezes polêmicos, como por exemplo as formas e o significado das vivências homossexuais na Antiguidade Clássica, mas também a emancipação feminina, o sufrágio universal, os caminhos do liberalismo para superar

as imensas desigualdades sociais e outras questões, muitas das quais não se podia discutir impunemente na época.

A inserção de Forster nesse grupo seletivo, em que havia reuniões regulares, com temas previamente elaborados, exposição e debate qualificado, era como participar de uma espécie de seminário avançado de estudos com pautas bastante atuais em diversas áreas. Se Forster era, em geral, muito elusivo, pouco dando expressão a si mesmo ou suas ideias, ao integrar este grupo ele precisou considerar melhor a fundamentação de seus argumentos e externar, mesmo que no círculo sigiloso desses debates, seu ponto de vista. Ele agora integra e precisa debater como parte dessa aristocracia intelectual de Cambridge. Um aspecto importante que resulta desta e de outras convivências de grupo de Forster, e que ele acaba externando em alguns momentos, como em seu “credo” *What I Believe* (FORSTER, 1939), é certa noção da relevância de ‘uma aristocracia dos sensíveis, dos que têm consideração, dos valorosos’¹⁰, no sentido não de uma classe de privilegiados, mas de haver no mundo, e das mais diversas origens, pessoas especiais que se preocupam com a humanidade em seu sentido mais pleno e amplo. É assim que Forster parece caracterizar este grupo de que se sentiu parte, tendo sido membro ativo de 1901 a 1905, quando se tornou honorário, passando então a contribuir para alguma discussão apenas mais eventualmente.

Rosenbaum (1987), ao traçar as raízes e processo formativo do grupo de Bloomsbury, elabora mais detidamente a contribuição dos Apóstolos nesse contexto derivado. Ele menciona (op. cit., p.250), a percepção de Duncan Grant, um dos poucos homens do grupo de Bloomsbury que não eram também Apóstolos, e este pontua que este grupo “com sua irmandade exclusiva, seu simbolismo faz-de-conta e seus conclaves nos sábados à noite, também servia a Strachey, Keynes e outros como um substituto para a religião”¹¹ (op. cit., p. 250). Além da valorização dos empiristas e liberais britânicos em Cambridge, também Platão e Plotino, Kant e Sidgwick, que subjazem à fundamentação dos *Principia Ethica* de Moore, recebiam a atenção dos Apóstolos. Rosenbaum entende que os ensaios lidos pelos Apóstolos a seus pares e entre eles debatidos são a mais própria expressão de seu pensamento, e, entre os participantes do Bloomsbury que eram Apóstolos, os temas abordados nos ensaios que nos chegaram tratam de filosofia – o belo, a verdade, o bom, o real – mas também de literatura, pintura, política, relações pessoais, e do próprio grupo (op. cit., p. 251). Para mais detalhes desde registros oficiais quanto

¹⁰ Idem, p. 16. No original: “an aristocracy of the sensitive, the considerate and the plucky”.

¹¹No original: “with its exclusive brotherhood, mock symbolism and Saturday-night conclaves, also served Strachey, Keynes and others as a substitute for religion.” Tradução própria.

aos Apóstolos de Cambridge e à participação de Forster neste grupo, veja-se as páginas “*A Cambridge secret revealed: the Apostles*”¹² e “*The Apostles, up to 1930*”¹³ no site do Kings College de Cambridge, nesta última, em especial, a seção “237 - E. M. Forster” e as pastas e links ali disponíveis.

1.1.7. O Grupo de Bloomsbury e a influência de G. E. Moore

Como já indicado acima, após o falecimento do pai Leslie Stephen (1904), os filhos Adrian, Thoby, Virgínia e Vanessa resolvem mudar-se de Kensington para o bairro londrino de Bloomsbury, e ali cercam-se de contatos desenvolvidos com os colegas de Thoby em Cambridge. As irmãs começam a reunir intelectuais para debater arte e literatura. Entre eles estavam alguns dos Apóstolos, como Maynard Keynes, Leonard Woolf e Litton Strachey. O grupo que ali se constituía, muito além de formar um ambiente de cultivo de ideias e valores liberais e modernos, também foi lugar de intensas discussões. Dando continuidade a vários debates dos Apóstolos, o novo grupo tinha caráter informal e era talvez mais progressista, foi se formando aos poucos, e fazia seus debates de tópicos de forma também mais espontânea. Entre os valores cultivados pelos amigos em Bloomsbury ou “Bloomsberries” estavam as relações pessoais, a vida privada e a arte pela arte.

Para situar a origem dos participantes, o primeiro volume das pesquisas de Rosenbaum (1987) sobre o Grupo de Bloomsbury oferece elementos para entender o contexto familiar, social e intelectual daqueles que começam a se reunir ali. Segundo ele, à exceção de Clive Bell, os membros do grupo vinham de famílias da classe média-alta e profissionais liberais, não precisando trabalhar para viver confortavelmente. A origem religiosa de suas famílias, muitas delas aparentadas, em geral era de evangélicos puritanos, abrangendo quakers e judeus, politicamente liberais. Os descendentes em questão reagiram fortemente às influências vitorianas e tornaram seu puritanismo compatível com o ateísmo, e seu liberalismo complementar ao socialismo. Dois dos pais de participantes do grupo eram filósofos utilitaristas, e a mediação filosófica de George Edward Moore parece ter sido fundamental nesta transição (ROSENBAUM, 1987, p.11 passim). Os laços com os evangélicos da Seita Clapham, moralistas engajados na abolição da escravatura no Império Britânico, e com os Quakers, de

¹² A CAMBRIDGE... (2011). Disponível em: <https://www.kings.cam.ac.uk/archive-centre/online-resources/online-exhibitions/a-cambridge-secret-revealed-the-apostles> Acesso em: 14 ago. 2023.

¹³ THE... [20--]. Disponível em: <https://www.kings.cam.ac.uk/archive-centre/the-apostles-up-to-1930> Acesso em 14 ago 2023.

tradição pacifista, não-conformista, ascética, dando espaço às mulheres, influenciam e se manifestam através das diversas ênfases dos membros do grupo de amigos de Bloomsbury.

O grupo foi, assim, influenciado pelo pensamento ético de Moore, que já compartilhara com os Apóstolos muito de sua elaboração e reflexão ética, e também passou a se fazer presente em vários dos encontros, trazendo à pauta também no novo contexto londrino os tópicos de seus *Principia Ethica*. Ali ele distinguia, por exemplo, entre valores intrínsecos e instrumentais, entre o amor (intrínseco) e a monogamia (comportamento, instrumental). Em sua visão, as regras morais (manter as promessas, ser fiel, etc.), as qualidades de caráter (integridade, generosidade, etc.), e a existência das diferentes instituições sociais como o Estado, se justificariam por sua utilidade para atingir os bens puros da amizade e da beleza. Vanessa Boll refere-se a Moore como ‘o profeta dos rapazes’¹⁴ (loc. cit.), enfatizando sua influência.

Um dos primeiros a colocar com propriedade a questão da influência de Moore sobre os contemporâneos, tanto de Cambridge como de Bloomsbury, é outro filósofo, mas também economista, Maynard Keynes. Em seu texto *My Early Beliefs*, escrito em 1938, ele se diz bastante influenciado por Moore, mas não exatamente na teoria, e sim na dimensão ‘religiosa’, qual seja, de uma postura de vida e valores. Ao referir-se a ele, Keynes habilmente diz que “o que obtivemos de Moore não foi de modo algum inteiramente o que ele nos ofereceu”¹⁵ (KEYNES, 1978, p.435). Ele menciona um capítulo sobre a moral, por exemplo, avaliava não ter sido considerado à época, e complementa que sua ‘religião’ tornava desnecessária a moral. Ele retoma um trecho sobre o ‘Ideal’ moral, que diz fazer os evangelhos parecerem maquiavélicos em comparação, e o considera mais idealista que o próprio Platão (p.444). Mas considera que Moore acertou ao distinguir entre a bondade como estado da mente e a correção como atributo das ações. Keynes considera que todos à época viviam à luz das teorias platônicas, e esta distinção iniciou um processo importante. Quando Keynes escreveu, a fragilidade da epistemologia de Moore já se evidenciava, mas a adesão e a influência à sua forma de ver o mundo e de valorizar aspectos importantes da vida, como as relações pessoais, a contemplação estética, a verdade, enfim, tudo isso permanecia atual e orientava sua vida, como à de muitas outras pessoas atingidas por esta pregação. Ele comenta ali que nem ele leu e que não conhece pessoas de sua geração que tenham lido o *Principia Ethica* de Moore como um todo, mas “seu efeito em nós, as conversas que o precederam e se seguiram, dominaram e

¹⁴No original: “the young men’s prophet”. Tradução própria.

¹⁵No original: “what we got from Moore was by no means entirely what he offered us”. Tradução própria.

talvez ainda dominem tudo mais”¹⁶ (op. cit., p.435). Moore era uma pessoa cativante, enfática, e conquistava seus ouvintes continuamente. Na mesma página Keynes também comenta que Forster não era muito visto à época do lançamento dos *Principia* de Moore. Embora não seja tão eloquente quanto ao entusiasmo que Moore provocava, Forster possivelmente também se encaixa nesta auto-descrição de Keynes, e parece natural que também ele não se quisesse se comprometer com a fundamentação do pensamento de Moore.

Vários pesquisadores debruçaram-se sobre este grupo, entre eles alguns biógrafos de seus membros. Paul Levy buscou elaborar uma biografia de Moore focando no período até a Primeira Guerra Mundial. Embora mais centrado no contexto dos Apóstolos, é bem incisivo quanto ao contato continuado do grupo de Bloomsbury com Moore e seu o livro *Principia Ethica*, publicado no mesmo ano que o artigo ‘A refutação do idealismo’: “Da mesma forma que o livro continua a aparecer a cada discussão do grupo de Bloomsbury, assim o artigo continua sua vida entre os filósofos”¹⁷ (1941, p. 248). O biógrafo também deixa claro, ao apresentar seu livro, que pretende demonstrar que

o principal aspecto da influência de G. E. Moore não foi doutrinário, nem mesmo o resultado de ler *Principia Ethica*, mas baseou-se no amor e admiração por seu caráter (...): integridade, incorruptibilidade, meticulosidade e uma inocência brilhante¹⁸ (p.8).

Levy chega a falar do “efeito mágico que ele tinha sobre as pessoas”¹⁹ (p.10). Ele considera que, se seus seguidores lhe tinham admiração e reverência devido às suas qualidades pessoais, então, sendo ele um filósofo, a manifestação mais adequada de fidelidade seria dizer que confiam em suas proposições e que aceitam os argumentos que para elas ofereceu (p.9). Em sua defesa, Levy entende que Moore não quis censurar seus leitores, e que foi condescendente com algumas conclusões sentimentalizadas a partir de seus argumentos (p.8).

Em 1954 Johnstone publicou sua tese, uma informativa e detalhada análise dos meandros do surgimento e constituição do grupo de Bloomsbury, incluindo considerações sobre

¹⁶ No original: “its effect on us, and the talk which preceded and followed it, dominated, and perhaps still dominate, everything else”. Tradução própria.

¹⁷ No original: “As the book continues to figure in every discussion of the Bloomsbury Group, so the article continues its life among philosophers.” Tradução própria. Grifo meu.

¹⁸ No original: “the chief aspect of G. E. Moore’s influence was not doctrinal, not even the result of reading *Principia Ethica*, but was based upon love and admiration for his character (...): integrity, incorruptibility, thoroughness and shining innocence”. Tradução própria

¹⁹ No original: “the magical effect he had on other people”. Tradução própria.

Forster, Strachey e Virginia Woolf, mas também sobre a filosofia do grupo, avaliando de que maneira as ideias de Moore os influenciaram. Considerando especialmente o capítulo sobre “A Filosofia de Bloomsbury”²⁰ (p. 20-45), o autor parte da premissa de que o pensamento que orientava Bloomsbury era uma espécie de adaptação ou desenvolvimento próprio do pensamento de Moore, ou mesmo algumas interpretações e aplicações particulares de seu ideário. Assim, faz certa exposição de como percebe o pensamento de Moore e contrapõe, em alguns momentos, formas como, no grupo de Bloomsbury, esta visão era adaptada, ou ‘ampliada’, ou mesmo diversamente aplicada. Assim, o valor da apreciação e criação de objetos de arte transforma-se em uma forma de religião em Bloomsbury (p.35), e a liberdade, a sinceridade de expressão tanto de idéias quanto de comportamentos, sem as restrições dos pudores ou convenções morais (p.23) para ambos os sexos, são desenvolvimentos próprios desse grupo. Ora, a valoração da arte teve em Bloomsbury algo de místico no sentido de promover a busca do mistério pela ciência e pela intuição, mas a submetiam a rigorosa análise intelectual. Johnstone lembra que o grupo rejeitava convenções, tradições, autoridade, e desconfiava de cálculos de longo alcance ou universais quanto à ética (p.38), e menciona também o empenho por contribuir para a promoção e acesso à arte na vida pública, já nos tempos iniciais de Bloomsbury, mas também através de seus participantes, como Maynard Keynes, que, em funções públicas, irá empenhar-se por criar espaços para a valorização de artistas e para a divulgação de seus trabalhos em lugares próprios e através de fundos específicos para este fim. Ao inaugurar o Conselho de Artes em 1945 Keynes destaca o papel sensibilizador da arte para as pessoas e seu papel na vida em sociedade, enfatizando que o artista precisa de suporte para realizar seu trabalho, que é fundamental para a sociedade, e que as pessoas precisam ter espaços onde possam desfrutar da contemplação estética, como teatros, galerias, etc, também apoiados pelo Estado, num verdadeiro manifesto do grupo de Bloomsbury (p.40). Johnstone observa que o pensamento de Moore era mais reflexivo e acadêmico, enquanto o círculo de amigos em Bloombury criava pessoas de ação para transformar seu contexto (p.42). Mesmo tentando distinguir-se dos Vitorianos, tradicionais, moralistas, materialistas e utilitaristas, tanto Moore como o grupo de Bloomsbury elaboraram suas ideias sobre a base de alguns grandes pensadores Vitorianos, como Ruskin e Matthew Arnold, em seu respeito pela beleza e pela verdade (p.43). Mas a finalidade da arte não seria moralizar, servir como panfleto ou propaganda de alguma causa, mas antes sensibilizar as pessoas e ampliar-lhes a consciência (p.45).

²⁰ No original: “Bloomsbury Philosophy”. Tradução própria.

Ao final da primeira parte de sua autobiografia, Leonard Woolf (1960) busca atenuar algo da já mencionada acidez crítica de Keynes (*My Early Beliefs*) em relação a Moore, rejeitando sua tentativa de distanciamento em relação ao filósofo outrora tão aclamado, especialmente considerando frágil uma distinção entre uma ‘religião’ mooriana e seu sistema moral (p.146), mas especialmente opondo-se a uma percepção da visão do grupo como se fossem ‘imoralistas’, que não reconhecessem qualquer obrigação moral ou sanção interna a que tivessem que responder. Leonard assinala que eram todos jovens, buscando um espaço de superação de amarras convencionais de comportamento, sim, mas que justamente a internalização do referencial de moralidade para a própria e sincera convicção do que é realmente ‘bom’ os conduzia antes para um elevado padrão moral, balizado pelo respeito à dignidade das pessoas, pela qualidade das relações pessoais e pelo que é ‘belo’ também em termos de padrões morais (p.147 passim). De fato, a pecha de imoralista não se aplicaria ao grupo de Bloomsbury. Esta postura nietzscheana autocentrada e de desprezo pelos próximos e pelos valores morais convencionais não se coaduna com a busca por contribuir para o bem-estar das relações interpessoais, e mesmo entre os grupos sociais, que caracterizou este círculo. Mesmo aceitando que Moore possa não ter sido irrepreensível, Leonard destaca seu empenho sincero e cuidadoso com a profunda mudança de pensamento quanto à ética que põe em curso e reafirma também a necessidade de considerar o valor de sua contribuição para a qualificação da postura ética diante das desigualdades nas relações pessoais, e que o grupo de Bloomsbury complementou esta perspectiva mais acadêmica de modo a perceber as implicações sociais e políticas desta qualificação das relações. As tensões entre os grupos de *Howards End*, por exemplo, denotam a preocupação compartilhada em Bloomsbury com caminhos para a superação de abismos na sociedade. Leonard considera ainda ter encontrado apenas dois gênios na vida, sua esposa Virginia e o filósofo Moore (ROSENBAUM ed., 1995, p.237). Se a presença e influência do filósofo Moore foi destacada por Leonard e pelo próprio grupo, há também controvérsias sobre o quanto do ideário de Moore realmente foi influente para o pensamento dos participantes. Como pessoa de influência social reconhecida, Moore foi valorizado por simbolizar uma ruptura com a reflexão tradicional e, ao mesmo tempo, indicar perspectivas que puderam ser interpretadas de forma própria, mesmo que diversa do pensamento de Moore. Crews (1962, p.45) considera que “os escritores de Bloomsbury de

forma alguma permitiram a Moore interferir em seus valores prévios, mas antes aceitaram aquelas partes de sua filosofia em que já estavam propensos a crer²¹.”

Neste sentido, o grupo não teria sido tão amplamente inspirado por Moore, mas teria visto em partes do pensamento deste filósofo um embasamento para seu próprio modo de pensar. Daí que alguns estudiosos e biógrafos, como Furbank (1983), tenham dificuldades em admitir um contágio mais direto de Moore no modo de pensar de Forster, mas considerem uma influência do modo de pensar geral da ‘Cambridge de G. E. Moore’ sobre o grupo e sobre seus participantes. O próprio Forster usa esta expressão ao falar do ‘verdadeiro’ lar de Ricky em seu prefácio a *The Longest Journey*: ‘A Cambridge de G. E. Moore que conheci no começo do século: a destemida e desimportante Cambridge que investigava a realidade e se preocupava com a verdade’²² (FORSTER, 1989b, p.lxviii).

Harrison (1988) retoma e discute a presença de Moore em romances de Forster. Inicialmente ele expõe seu desconforto com algumas teses levantadas, em parte fazendo coro com Keynes e Furbank. Ele considera que o próprio Forster teria negado ter tido muito contato com Moore (p.3). Ora, o trecho que ele cita está também na Abinger Edition, vol. 17, publicado em 1998 sob a edição de Furbank, e o traduzo abaixo:

Eu não tive influência direta de Moore – eu não estava à altura disso e nunca li *Principia Ethica*. Isso me veio indiretamente, através daqueles que conheciam o Mestre. A semente caiu em terra fértil, ainda que inferior, e eu comecei a pensar por mim mesmo.²³ (FORSTER, 1998, p. 313)

No entanto, Harrison deixa de contextualizar esta passagem, e assim não percebe que Forster trata ali de seu segundo ano na faculdade, quando, sob influência de Meredith, ele começa a questionar aspectos de sua fé cristã, começando com a Trindade. Com esta afirmação, portanto, Forster não diz que, em geral, não teve contato direto com Moore, mas está dizendo que, *no que tange à sua incredulidade*, isso “se deveu parcialmente também ao espírito geral de questionamento associado ao nome de G. E. Moore”²⁴ (loc.cit.). Omitindo esta frase

²¹ No original: "The Bloomsbury writers by no means allowed Moore to demolish their previous values, but rather accepted those parts of his philosophy which they were already disposed to believe" Tradução própria.

²² No original: “The Cambridge of G. E. Moore which I new at the beginning of the century: the fearless uninfluential Cambridge that sought for reality and cared for truth”. Tradução própria.

²³ No original: “I did not receive Moore’s influence direct – I was not up to that and I have never read *Principia Ethica*. It came to me at a remove, through those who new the Master. The seed fell on fertile, if inferior soil, and I began to think for myself”.

²⁴ No original: “partly because of the general spirit of questioning that is associated with the name of G. E. Moore”. Tradução própria.

anterior, o sentido da passagem citada se altera bastante. Forster não fala aqui em geral sobre seu contato com Moore, mas que, à época em que começou a não crer mais em várias coisas da fé cristã, ele ainda não tinha tido contato direto com o filósofo, e muito menos tinha lido a obra, que estava, sim, sendo gestada, mas que só bem depois seria publicada. De fato, no segundo ano de faculdade Forster dificilmente teve contato pessoal com este pensador da ética. Mas depois sim, a respeito, claro, de tópicos, mais relacionados à sua reflexão ética. Assim, tendo participado, depois de formado, de tantos encontros com Moore, quer entre os Apóstolos como em Bloomsbury, além de fazer tantas menções e alusões a seu pensamento e a seus dizeres, supor um tal distanciamento de Forster em relação a Moore não parece muito sólido. Esta ressalva é importante porque alguns críticos se ancoram neste trecho descontextualizado para afirmar um distanciamento indevido entre o escritor e o pensador da ética. Feita essa correção, veja-se que Harrison entende também que algumas associações feitas da escrita forsteriana com o ideário de Moore são débeis e mesmo inadequadas. Ele discorda parcialmente de Rosenbaum (1979), na medida em que não considera *The Longest Journey* uma demonstração tão boa do diálogo de Forster com Moore. Além disso, discute como se daria uma ‘influência’ de Moore sobre Forster, e considera o último pouco propenso a ser um divulgador acríptico do Moorismo, que ele assim define:

O “Moorismo” em relação a valores intrínsecos provê, portanto, um novo modo de articular intelectualmente aquela forma distintivamente inglesa, distintivamente protestante de individualismo (...) que reserva à mente do indivíduo o direito e o poder de determinar por si mesma, pelo exercício de uma luz interior própria para isso, o que é Certo.²⁵ (HARRISON, 1988, p.11)

Se é verdade que Forster partilha de várias convicções moorianas, especialmente quanto ao valor intrínseco da interação humana e da contemplação estética, da amizade e da beleza, mas, por outro lado, ele talvez quizesse ser mais realista quanto às relações humanas (p.25), e Harrison tenta demonstrar, a partir de *Where angels fear to tread*, que Forster conhece muito bem a filosofia e o pensar filosófico de Cambridge à época (loc.cit.), e busca demonstrar ali algo dos impasses e dificuldades gerados por uma perspectiva demasiado conceitual e abstrata de Moore quanto ao que seja alcançar os valores intrinsecamente relevantes na objetividade da

²⁵ No original: “‘Moorism’ about intrinsic value thus provides a further way of intellectually articulating that distinctively English, distinctively Protestant strain of individualism (...) which reserves to the individual mind the right and the power to determine for itself, by the exercise of an inner light proper to it, what is Right.”. Tradução própria.

vida real, o que se conseguiria obter justamente com a observação mais atenta das pessoas reais em suas relações, concretamente.

Ao discorrer sobre a relação entre a filosofia de G. E. Moore e os Apóstolos em Cambridge, Thompson (1994), menciona que, embora o filósofo tenha resignado (tornando-se membro honorário) em janeiro de 1901, um mês antes de Forster ser apresentado ao grupo por Meredith, Moore esteve presente nessa ocasião, e participava dos eventos do grupo com regularidade. Mas ela destaca que talvez a influência mais forte das ideias de Moore sobre Forster não tenha sido pessoal, mas tenha vindo através de seu amigo Meredith, aquele que ajudou Moore diretamente a estruturar e elaborar o famoso último capítulo de seu *Principia Ethica*, trecho da obra que foi tão relevante para o grupo de Bloomsbury mais adiante (MOORE, 1942, p.24-25; LEVY, 1979, p.201 e p.233). Thompson (p. 6) também chama a atenção de que, na visão de Moore, não basta a percepção do real e da beleza, mas que o apreço por esta realidade e formosura convidam o sujeito a um envolvimento emocional (assim Moore, p.238). Talvez seja este apelo ao engajamento que fez de Moore um filósofo tão popular em sua época. Esta nota apaixonada pela verdade, pelo belo e por boas relações pessoais parece acompanhar, igualmente, tanto a obra de Forster como a personagem Margaret. Moore também falava em uma fé (na verdade, na beleza, nas relações pessoais), e assim adentrou um espaço antes ocupado pela religião. Se, na avaliação de Thompson (p.10), a influência de Moore sobre Forster foi “avassaladora”²⁶ e mesmo o relutante biógrafo Furbank acaba reconhecendo seu legado na reflexão e na expressividade de Forster, não há como evitar esta conclusão, mesmo que o próprio autor em pauta não se comprometa explicitamente com a reflexão mais ampla do filósofo.

Ao longo de algumas décadas, o grupo como um todo foi mais detidamente investigado por Stanford Patrick Rosenbaum (1979, 1987, 1994, 1995, 1998, 2004), que faleceu em 2012, quando já finalizava o último de quatro volumes sobre as origens, surgimento e fases do grupo. Em 2014 seu colega James M. Haule completou a edição deste volume final, em que aborda o pouco conhecido “Espaço da Memória” do grupo de Bloomsbury (ROSENBAUM; HAULE ed., 2014). Aqui são mais relevantes as primeiras quatro obras: o já mencionado artigo (1979), os dois primeiros volumes sobre o grupo (1987, 1994) e a antologia do grupo (inicialmente publicada em 1975 e) reeditada com acréscimos em 1995. Em seu capítulo dedicado a Moore no primeiro livro sobre Bloomsbury, Rosenbaum (1987) questiona a dissociação suposta por

²⁶ No original: “overwhelming” Tradução própria.

alguns críticos, entre a simpatia e caráter de Moore e seu pensamento, destacando o quanto suas ideias eram fundamentais para o filósofo em tudo o que fazia, e que o público em questão não eram pessoas desavisadas, mas intelectuais de alto gabarito, que não deixaram de se familiarizar com suas teses e argumentos. Rosenbaum considera que as divergências entre os amigos de Bloomsbury, oriundas do contato com as ideias de Moore, devem-se a seu próprio desinteresse pela construção de um sistema filosófico, pois para um filósofo a ‘unidade’ não pode ser talhada às custas da verdade (ROSEMBAUM, 1987, p. 217; MOORE, 1999, p.332). Rosenbaum (loc. cit.) também observa que a influência do pensamento de Moore na literatura inglesa é muito maior do que a de outros filósofos de seu tempo. Quanto à influência em Bloomsbury, considerou-a derivada de seu papel entre os Apóstolos. E afirma:

O pensamento e caráter de Moore deram forma às convicções de Bloomsbury sobre a natureza da consciência, da percepção e mesmo talvez do misticismo, sobre as distinções entre certo e bom, sobre a importância das relações pessoais tanto quanto das questões públicas, sobre as funções da crítica e o valor da arte.²⁷ (1987, p.217)

A intensa troca de ideias com seus contemporâneos em Cambridge e em Bloomsbury, as numerosas exposições, discussões e publicações antes e depois de *Principia Ethica* ao longo de mais de vinte anos não permitem que se considere a adesão de Bloomsbury apenas um modismo ou uma desculpa para não ser convencional. Pelo contrário, o empenho de tantos em buscar caminhos na vida pessoal e pública, na literatura e na arte, para fazer o que é melhor, para alcançar o bem maior, não permite essa redução de que Keynes se serviu. Rosenbaum então desenvolve as respostas que Moore elaborou ao final da vida a uma série de questionamentos a seu pensamento. Ele menciona que Moore publicou em 1912 uma ética, e que nesta elaboração foi mais sintético e deixou de fora afirmações problemáticas e o capítulo sobre o Ideal, criticado por Keynes. Em sua autobiografia ele afirma preferir seu livro *Ethics* (MOORE; SHAW ed., 2005) "pois me parece bem mais claro e menos cheio de confusões e argumentos inválidos."²⁸ (MOORE, 1952, p. 27), mas não quis refazer seu *Principia Ethica* quando de sua reedição. Este foi, sim, o livro que o consagrou e marcou seu diálogo com Cambridge, com os Apóstolos e com o grupo de Bloomsbury, e que deixou tão profundas marcas na cultura inglesa.

²⁷ No original: "Moore's thought and character shaped Bloomsbury's beliefs about the nature of consciousness, perception and even perhaps mysticism, about the distinctions between right and good, about the importance of personal relations as well as public affairs, about the functions of criticism and the value of art". Tradução própria.

²⁸ No original: "because it seems to me to be much clearer and far less full of confusions and invalid arguments". Tradução própria.

2. O ROMANCE E SUA PERSONAGEM CENTRAL

2.1. *Howards End*

2.1.1. A constituição do romance

Embora viajando e ausentando-se várias vezes, de 1904 a 1912 Forster vive em Weybridge, próximo a Londres e não longe de Rooksnest, e é residindo ali que escreve seus seis romances. Após a publicação de *Where Angels Fear to Tread* (1905), e *The Longest Journey* (1907), Forster começa a elaborar uma narrativa que inclui um diálogo com visões diferentes de sociedade, com distintos modos de vida, expondo também aspectos de sua reflexão sobre as tensões sociais que ele percebe em seu tempo.

Segundo seu diário, no dia 16 de junho de 1908 Forster identifica-se com uma passagem de Walt Whitman, em que este advogava a conciliação entre o visível e o invisível, a alma e o corpo, sem conflitos, pois o inimigo comum seria a máquina (STALLYBRASS, 1989, p.10). Fica clara aqui a relação desta ‘conciliação’ com o ideário do “*only connect*” com o livro ainda embrionário. Na visão de Sarker (2007, p.641), o tema indicaria a convicção de uma vida toda de Forster, de que há necessidade de combinar a razão e a emoção para se alcançar um ser humano pleno, equilibrado. A completude seria derivada de uma combinação de perspectivas diferentes. Em 26 de junho Forster já fala em um ‘novo romance’ e anota linhas básicas de seu enredo.

Howards End já nasce expondo as tensões entre perspectivas, de um núcleo que valoriza o horizonte cultural, socialmente interessado, mas distante das tensões e aflições do mundo dos negócios, do trabalho e da produção, da parte dos Schlegel, e outro núcleo cujo horizonte está focado em lucros e resultados, que calcula tudo para acumular em todas as circunstâncias, da parte dos Wilcox. Destacam-se as contradições entre estas elites voltadas à exploração comercial e imperialista, voltados para a obtenção de resultados de toda a sorte tanto na Inglaterra como em outras colônias britânicas, de orientação muito pragmática e Vitoriana, mais tradicional, e os grupos de classe média-alta de profissionais liberais e pessoas abastadas, de origem puritana, vivendo de rendas, mas que cultivavam uma relação profunda com a elevação espiritual e cultural, uma elite de raízes puritanas, intelectuais e liberais que repensava a vida em sociedade, a cidadania, a arte e a literatura, identificando-se com pessoas como as do grupo de Bloomsbury. Por outro lado, há também o lado de baixo da sociedade, as pessoas que, saídas do contexto rural que se extingue, tentavam encontrar um lugar ao sol nas cidades, esperanças

de uma chance através da aquisição de cultura, na perspectiva de Arnold e Ruskin, mas sustentando-se fragilmente em funções secundárias, burocráticas e auxiliares das grandes engrenagens financeiras, comerciais e industriais. Além disso, também temos a sra. Ruth Wilcox, representando a Inglaterra rural ainda proprietária, em declínio econômico, sem grande instrução, mas com profunda intuição do que ocorre, valorizando sua ligação com a terra, representando o horizonte de uma mística da natureza, mas que busca ainda sobreviver através da preservação de relações importantes e de espaços tradicionais, santuários desta visão holística rural, simbolizados no romance pela propriedade familiar Howards End e pelo misterioso e longo olmeiro ou ulmus glabra (wych-elm), árvore de gerações cuja resina ajudaria, por exemplo, no tratamento de dores de dente.

O romance começa e termina em Howards End, esta pequena propriedade rural pertencente à esposa Ruth Wilcox, e com a impulsiva irmã mais nova dos Schlegel descrevendo em carta seu deslumbramento com a família Wilcox, logo exposta à beligerante contestação de posições diversas aos interesses tradicionais e financeiros destes, e ela rapidamente abrindo mão de quaisquer convicções diante dos bem-sucedidos, vaidosos e presunçosos anfitriões, além de acometida de um efêmero affair com um filho recém-formado do casal.

Forster é bastante ágil ao alinhar a narrativa, sempre surpreendendo o leitor e mantendo sua atenção. A sequência cronológica é linear, e há intensa referência aos locais em que as cenas ocorrem. O leitor é convidado a imaginar os ambientes com bastante riqueza de detalhes, mas não de forma cansativa, e sim com alusões, adjetivos, indicações sucintas mas qualificadas. O narrador procura envolver o leitor, mudando de perspectiva, comentando os acontecimentos e a visão dos personagens. Embora a simpatia do autor recaia sobre os Schlegel e seu horizonte, os personagens não são somente bons ou maus, mas complexos, elaborados, com elementos válidos e fraquezas, aspectos elogiáveis e limitações. A mudança de perspectiva dos próprios personagens também dá certa dinâmica à narrativa. É ainda de notar que Forster parece querer promover a conexão entre as perspectivas e visões, indicando suas contradições sim, mas também iluminando possíveis impasses e complementaridades. Forster elabora em *Howards End* uma análise da sociedade britânica de maneira ampla, ainda que focado nos dilemas da classe média e média-baixa em certo contexto, e o faz indicando aspectos diversos da realidade sem fazer discursos ou descrições didaticistas, mas simplesmente com breves observações dos personagens ou do narrador, que permitem perceber e qualificar muitos aspectos da realidade que as pessoas leitoras vivem.

A construção do romance *Howards End* é relativamente simples. O enredo abrange poucas personagens bastante representativas de situações e perspectivas vigentes na Inglaterra e Europa, que o autor Forster faz encontrarem-se em famílias e horizontes muito distintos, mas que, talvez, precisem aprender a conviver melhor. Não faltam situações em que as diferenças de pensamento levam a rompantes, reações bruscas, rupturas, até mesmo à morte e à ruína. Mas há um fio condutor da busca de conectar, reconciliar, levar ao entendimento e ao diálogo, à compensação e à restauração dos caminhos. De certa forma, esta trilha se dá através de Margaret, especialmente, que é meio alemã, meio inglesa, uma mulher que é materna mesmo sem gostar de crianças, que se faz de desentendida mas sabe assumir as rédeas das situações, gerindo-as com sabedoria, que não é parcial ou apaixonada por uma ‘causa’ como Helen, por exemplo. Ela é prática, vê o momento presente, mas sensata, visualiza também o horizonte mais amplo e as implicações futuras. Consegue ver o valor do empreendedorismo e do capital que também a sustenta, finalmente, mas reconhece o valor supremo da beleza, das relações pessoais, humanas, e assim percebe as injustiças imensas que esta sede por riqueza está gerando.

O romance apresenta, de forma bastante despretensiosa mas muito eficaz, as diferenças entre as formas de pensamento e de ação dominantes da elite empreendedora e da burguesia inglesa. Por um lado os setores produtivos e especulativos, baseados na exploração do trabalho e na busca de lucro para o capital. Se os Wilcox estão atentos para a manutenção e expansão de seus bens e domínios, sacrificando a vida pessoal em prol da acumulação de bens e evitando qualquer perda, os Schlegel vivem de rendimentos em empreendimentos que nem mesmo vislumbram, sejam nacionais ou internacionais. Os intelectuais podem se dar ao luxo de não precisar pensar em trabalho, já os empresários estão construindo a riqueza da nação, mesmo que ao custo de muita exploração e descaso com a vida humana, tanto ao lado, nos subúrbios londrinos, como nos confins da África ou das Índias. Por outro lado, há também a tensão entre a Inglaterra Rural que está se desintegrando e entregando-se ao capital, à exploração das terras e das pessoas, e o valor intrínseco e misterioso da natureza, da vida.

Neste sentido, Lajosy Silva (2007, p. 109) coloca o questionamento de *Howards End* relacionando-o diretamente à questão da propriedade rural que perdia sentido na Inglaterra:

(...) destaca-se o que fazer com uma casa de campo (no caso, *Howards End*, que serve de título para o romance), metáfora da velha Inglaterra

(...) O caráter mercantilista estabelece esse distanciamento no conjunto da obra de Forster: o que fazer com essa velha Inglaterra? Como conciliar as transformações sociais e os avanços de um pensamento crítico contrário à

ideologia dominante do patriarcado protestante tais como manter os valores vitorianos (morais de conduta e submissão feminina) e o direito à propriedade, mesmo sem conhecer os sentimentos e o aspecto afetivo que unem pessoas de classes sociais diferentes?

Um aspecto importante da obra é o narrador, que sempre surpreende o leitor e tem sido percebido de diversas maneiras na crítica literária, certamente devido à riqueza da construção narrativa do romance. De acordo com David Lodge (2010, p. 19-22), em seu capítulo “o autor intrometido”²⁹, o narrador de *Howards End* é, sim, muitas vezes ‘intrometido’, mas ali ‘se faz acompanhar de uma consciência irônica de si própria’ (p.20), e sugere que Forster busca, através do humor e da ironia, ser ouvido e despertar no leitor um interesse solidário pelos personagens, por suas causas e pela sorte deles (p.22).

Rosecrance (1982) entende que esses comentários e intromissões nos permitem desfrutar de companhia do narrador e de seus pontos de vista, num tempo em que a voz do artista está se restringindo (p.11-12). A crítica quer ver uma grande estrutura narrativa unindo os romances entre si, e vê em *The Longest Journey*, e especialmente em *Howards End*, como um ápice na intervenção narrativa. Em *Howards End* ela identifica a escolha da personagem principal feminina com quase absoluta autoridade moral como a figura capaz de exercer as relações pessoais da forma mais plena na busca por promover a conexão entre as forças motoras e as forças libertárias da sociedade britânica. Ela quer ver no romance a tentativa de solução da tensão entre os valores humanísticos e as forças destrutivas do tecido social, incluindo a ganância desmedida e a degradação das condições rurais e urbanas de vida. A confissão de fé mooreana de Helen na supremacia das relações pessoais como valor intrínseco, e o ‘amém’ de Margaret no cap. 4 (FORSTER, 1989a, p.41) deixam perceber o quanto importa marcar esta visão como resposta quase religiosa às tensões na obra.

Em termos formais, Frizero (2022) observa que, em *Howards End*,

os sentimentos de Margaret, a protagonista, e de Forster autor/narrador, distinguem-se pelo tempo verbal. Ao passo que o passado é o tempo da voz da personagem, o presente é o tempo do narrador.

²⁹ No original: “The Intrusive Author”. Tradução de Guilherme da Silva Braga.

Na mesma linha, Lodge (2010, p. 21-22) entende que o uso do tempo passado distingue os pensamentos de Margaret da voz do autor, e considera que seu humor refinado dá leveza às interrupções e busca cativar o leitor.

Em seu prefácio à nova tradução brasileira, Lísias é incisivo e descreve muito bem o narrador em *Howards End*:

O narrador de *Howards End* não é distante e, muitas vezes, chega até mesmo a ironizar as personagens, tomando partido, fazendo piada ou de imediato desdizendo uma que outra afirmação. (...) o narrador está propenso a tomar partido

(...) temos um narrador onisciente mas disposto a participar da trama, ele mesmo quase como uma personagem (...) o narrador serve como uma espécie de figura que a todo momento lembra o leitor de que há um conflito e de que é preciso estar consciente perante os desníveis e desencontros entre as personagens.

(...) pode-se creditar a ele a responsabilidade pelo fato de (...) o leitor quase sempre ser levado a decidir a favor de um dos lados, justamente o que denuncia a ambigüidade da cultura inglesa perante a honestidade apaixonada das irmãs de origem alemã.

(...) o narrador criado por Forster em *Howards End* (...) não apenas constrói oposição (...) entre acúmulo desmedido de bens e decadência político-moral, mas que direciona o leitor para um dos lados. (...) estamos diante de um narrador engajado.

(...) um narrador parcial e determinado a não apenas fazer parte da trama como guiá-la sorrateiramente a oposições, diante das quais a compreensão da obra só fará sentido se houver a cumplicidade com uma das partes. (2006, p.13-14)

Bastante rica é a leitura de VanDe Vyvere (1976) quanto à maneira como Forster constrói um narrador. Embora se intrometa e comente as situações, o narrador permanece sem ‘tornar-se’ um personagem. É uma “figura narrativa intermediária”, a que ele “dá a forma de uma função mediadora que atua em uma bela harmonia com o tema central do romance” (p. 204). Thomson (1967) entende que Forster é essencialmente um romancista, e seu trabalho se funda em “um rico e fértil solo de experiência subjetiva”. Mesmo atraído pela ideia de personificação de um narrador, à luz de Jane Austen ele sabe que uma personalidade é muito mais do que dizer “eu”, e evita esta estratégia. Também não quer ser um narrador onisciente de terceira pessoa. Apesar de advertido por Lubbock, ele considera que é mais importante saber envolver e convencer o leitor, e não apenas observar formalidades. VanDer Vyvere observa que Forster une os modos remoto ou tradicional e subjetivo ou individualizado, criando uma

voz narrativa capaz de mediar estes polos, movendo-se entre estas tendências. O resultado é uma ‘sombra’ de Forster, o autor, que cativa o leitor. O principal seria a proporção. Em vários trechos VanDer Vyvere demonstra uma mescla de elementos tradicionais com subjetivos, produzindo modulações que se comunicam. Ao fim do artigo, ressalta, nas palavras de Margaret para Helen, em carta, no capítulo 12 de *Howards End*: “Nossa função não é contrastar os dois, mas conciliá-los” (FORSTER, 2006, p.110). Ora, a fórmula de proporção de Margaret é a reconciliação promovida constantemente pela voz do narrador de *Howards End*, que regularmente faz confluírem os dois modos narrativos. Assim, “a distintiva qualidade da voz de Forster resulta de sua contínua adoção de linguagens e vozes dos dois mundos apresentados” e assim “esta terceira voz, de Forster, transcende suas origens dualistas” (VANDER VYVERE, 1976, p.115). Para isso, “o leitor precisa desenvolver, pela tutela de Forster, uma simpatia dinâmica, que aprecia o valor de ambas [as partes]” (loc. cit.). Desta maneira, a forma de elaborar a voz narrativa escolhida por Forster em *Howards End* quer levar o leitor a colocar as visões divergentes em conexão, levando-o a uma forma de pensar e ver o mundo que se dê a partir de uma confluência de perspectivas.

2.1.2. A modernidade da obra

A relação de Forster com o Modernismo tem sido relativizada e questionada praticamente desde o início. Mais recentemente, Malcolm Bradbury (1989) o caracteriza como realista tardio. Ele tem sido visto especialmente como escritor Eduardiano, uma categoria que unifica a literatura num período de transição entre o final do século XIX e o início do século XX, e que é caracterizado pela mistura de elementos realistas e românticos, tendendo à secularização (ELLMANN, 1991). Graham (1988) o inclui, com Henry James e Conrad, entre os narradores da incerteza, do abismo.

Em seu capítulo sobre a originalidade de Forster, Schwarz (1995, p.116-138) destaca a modernidade dos romances de Forster, que são subjetivos, expressões de si mesmo a encarar suas incertezas e angústias num mundo em transformação. Para o crítico, as questões postas não são respondidas plenamente, mas permanecem abertas, assim como suas obras colocam-se como recortes de uma realidade que já vinha se transformando e que continuará em desenvolvimento. Forster tematiza indicativos de comportamento e os coloca em discussão, fazendo ver incongruências. Ao mesmo tempo, ele traz personagens que não conseguem se inserir na sociedade.

Na avaliação de Schwarz, na ficção forsteriana, por exemplo, quando as convenções condenam vivências de sua sexualidade, as pessoas não são punidas por isso, mas o enredo dá espaço para seu instinto, paixão e vida interior. Segundo ele, Forster convida seu leitor a ampliar sua visão de mundo, a lidar com outros horizontes e situações. Nesta leitura, especialmente em *Howards End*, há para Forster certa idealização da vida rural, que seria onde a vida plena e a conexão entre as pessoas têm condições de se realizar. Ali há espaço para sorver algo da herança ancestral humana que não se expressa no tangível, mas desperta paixões, sentimentos, poesia, imaginação, inteligência, afeto. A prioridade das relações pessoais ante a vantagem, a valorização dos laços familiares, tudo isso convidaria o leitor a repensar as visões, as convenções e as escolhas utilitaristas e mesquinhas de seu contexto vivencial. Diferente de Hardy, Forster deslocaria as questões sexuais especialmente para a classe alta, demonstrando a hipocrisia e o disparate do moralismo sexual da elite.

Schwarz (1995, p.128-129) entende ainda que Forster oscila ao retratar Margaret, ora destacando suas qualidades humanísticas, ora demonstrando que sua ascensão social lhe sobe à cabeça e ela, mesmo com sua sensibilidade estética, também acaba sendo arrogante, rotulando e desconsiderando as pessoas, numa forma de denúncia à elite cultural. Por outro lado, também indica que ao fim do romance, a relação entre Margaret e Helen é a única a sobreviver entre os adultos, e que a ‘vitória’ das Schlegel também é uma derrota em relação aos valores em que acreditam. Em sua visão, o colapso da família Wilcox não impede as forças que transformam a Inglaterra reverberem ao longo do romance a resposta de Helen a Beethoven: ‘pânico e falta de sentido’, morte e destruição. Para Schwarz, fica clara a modernidade de sua forma de elaborar os romances, inclusive *Howards End*.

Elizabeth Langland (1995) prefere dar menor importância a um não enquadramento de Forster entre os modernistas, e sugere que *Howards End* traz algo bastante inovador, e que seria uma tentativa de opor-se à lógica e à racionalidade patriarcal ao assumir a voz e a ideologia feminina, fazendo como se o narrador fosse uma mulher, ‘desconstruindo’ termos que normalmente servem para desvalorizar o feminino, como vida interior e intuição. Ela parte do arcabouço teórico de Jacques Derrida, o desconstrutivismo, que tenta mostrar como estruturas de pensamento favorecem mitos ocidentais e promovem o imperialismo e o patriarcado. Langland identifica algum deslize patriarcal eventual, mas a identificação com a mãe Ruth Wilcox e sua ênfase no que não pode ser articulado pela linguagem fazem prevalecer seu posicionamento ao lado do feminino. Langland vê nesta estratégia uma política de gênero, e abre a questão sobre as consequências políticas de se dar voz ao feminino.

Bastante notável é a contribuição de Stuart Sillars (1999) em seu segundo capítulo (p.31-61), ao tratar de deslocamentos na narrativa de *Howards End*, ele irá introduzir novos elementos para considerar sua relação com o Modernismo. Ele começa apontando esta obra como texto central no período Eduardiano, não apenas por demonstrar os valores fundamentais do período, mas por fazê-lo através da tensão dualista “afirmação e recuo, continuidade e recusa”³⁰, característica básica de muitos escritos da época (p.31) e que ele apresenta em seu primeiro capítulo (p. 1-30). Ele transcreve um trecho de correspondência a A. C. Benson no ano de publicação da obra, em que Forster concorda com Benson que *Howards End* é mais poético que filosófico, destacando os dois polos entre os quais busca se movimentar: não entre alternativas filosóficas, nem entre a filosofia e o sobrenatural, mas entre uma leitura manifestamente materialista e outra fortemente poética (metafórica, metonímica, simbolicamente distanciada dos condicionamentos de uma realidade concebida). Seria isso que permitiria a Forster tanto dar continuidade como rejeitar os mecanismos do romance psicológico-realista do período Vitoriano tardio. Paradoxalmente, seu sucesso ao combinar esses dois níveis levou muitos leitores a não captar as oposições fundamentais do romance. Mas antes de adentrar atentamente o texto, Sillars entende ser importante ter uma ideia do horizonte dos primeiros leitores do texto de Forster, ou seja, verificar alusões a estilos e elementos de outros textos a que o autor refere e que são importantes para perceber a complexa dualidade da obra (p.32). A mistura entre continuidade e rejeição de convenções, muitas vezes vista como falha, Sillars aponta como traço e conquista estilística, inclusive mais recentemente valorizada pela visão desconstrutivista. Destaca-se aqui a proximidade percebida entre a forma narrativa de usar as vozes na então popular obra de Masterman *The Condition of England*, publicada um ano antes de *Howards End*, e também presente em um tipo rural de escrita, com o uso da voz narrativa no romance de Forster, de forma que este elemento deve ter sido bastante significativo para o leitor da época.

Medalie (2002) assinala que o modernismo de Forster ocupa uma posição realmente marginal em relação às correntes dominantes que têm sido identificadas³¹ (p. 194), sendo possível apenas falar de um “modernismo relutante”³², e sugere que Forster “nos direciona a uma mais ampla conceituação e compreensão do próprio modernismo”³³ (p.1), pretendendo ampliá-la e enriquecê-la (p. 193). Como bem coloca Medalie (2007, p 45), para Forster a

³⁰ No original: “assertion and retreat, continuation and refusal”. Tradução própria.

³¹ No original: “in relation to some of the major currents which have been identified in modernism, Forster’s modernism may indeed occupy a marginal position”. Adaptação e tradução próprias.

³² No original: “leaving only a ‘reluctant modernism’ evident in his work”. Adaptação e tradução próprias.

³³ No original: “directs us towards a broader conceptualisation and understanding of modernism itself”. Tradução própria.

mistura de asserção e páthos, convicção e ironia expressavam bem os desejos contraditórios da modernidade. Ele demonstra a absoluta necessidade de integrar a visão periférica, do mundo circunspecto e multivalente em um tempo de demagogias. Embora leve e de ‘fala mansa’, Forster é também bastante provocativo e nos exige reconsiderar muitas coisas, talvez inclusive sua relação com os propósitos do Modernismo.

Esta visão é partilhada por Lísias (2006), que o considera “perto da modernidade” e já “identificando diversas de suas fraturas”. Entre os argumentos para tanto Lísias lista a propensão do narrador a tomar partido, como Machado de Assis.

Por outro lado, mesmo diante destes argumentos, Randall Stevenson (2007) é bastante crítico de uma classificação da obra ficcional de Forster como parte do modernismo. Ele destaca seu otimismo em relação às possibilidades de integração das forças sociais de forma harmônica, e seu olhar para a bela paisagem inglesa ainda pronta a promover fartura e encantamento a seus habitantes, apesar de avanços do capitalismo voraz. Ele reconhece as reservas de Medalie quanto à percepção de novelas de Forster como modernas, mas assinala humorosamente que uma ampliação da noção de espécie para as zebras poderia deixar incluir entre elas alguns cavalos esquisitos, mas que isso não seria uma grande contribuição à zoologia (p.218-219), e alerta para os perigos de flexibilizar em demasia as categorias utilizadas. Quanto a *Howards End*, ele lembra que a classe média-alta pôde tranquilizar-se por não ter mais os intrusos do andar de baixo. Com Levenson (1991, p.78-79), Stevenson o considera Forster, no máximo, ambíguo, mas incapaz de investir contra as formas tradicionais, mais evolucionário do que revolucionário (p.221). Entende que é viável continuar discutindo a modernidade de Forster, mas desde que os limites desta aproximação continuem sendo reconhecidos.

Mais recentemente Souza (2019, p.23), além de corroborar a percepção de Medalie (2002, 2007) e Lísias (2006), chama a atenção para o texto *O Narrador* de Walter Benjamin (2012), em que este, tratando do *Bildungsroman*, destaca a ‘insuficiência’ resultante da busca de integrar demandas individuais e coletivas na forma romanesca, um dos elementos modernos bastante explorados na ficção forsteriana. Em *Howards End* a busca por conexão é fundamental para fazer frente às opressões do capital e do patriarcado. Souza ressalta a dificuldade de submeter-se a concepções tão estritas em classificações literárias, lembrando que, se Forster não foi tão agressivo como outros entenderam ser importante, ele, de maneira bastante sutil, foi inovador e levou seu leitor a colocar em questão muitas visões, verdades e parâmetros pelos quais se guiavam as pessoas naqueles tempos. Por sua característica busca de

equilíbrio e proporção, por sua moderação e sutileza, e ao contestar a forma absoluta como o círculo de Bloombury defendeu a estética acima de todas as coisas, Forster antecipou-se a avaliações posteriores, mas ameculhou desafetos e críticas, o que lhe custou ser exculdo da condição de vanguardista do Modernismo. Ainda assim, resta reconhecer em Forster, na elaboração de *Howards End*, seus muitos e discretos traços modernistas.

2.1.3. A condição inglesa, alterativas liberais e a questão do dinheiro

A preocupação com a condição social da Inglaterra já havia gerado, ainda em meados do século XIX, uma elaboração em diversas esferas buscando dar conta das desigualdades e da exploração da população pobre. Conforme Simmons Jr. (2002), a contraposição da riqueza de alguns com a miséria e a vida praticamente de escravidão, algo de que muitos não tinham consciência, passa a ocupar também a literatura. Os dados estatísticos, ainda que falhos, dão conta de que em meados do século XIX quase 40% da população trabalhava em fábricas em condições análogas à escravidão, incluindo mulheres e crianças. A percepção das enormes desigualdades no interior do país começam a se evidenciar também na literatura, a partir dos anos 1830, e vai constituir na “questão da condição inglesa” (LEVIN, 1998), e se manifestar em uma grande discussão que envolveu a sociedade vitoriana, expressando-se depois em “romances sobre a condição inglesa” ou “romances sobre problemas sociais” e “romances sobre a indústria”.

O “romance sobre a condição inglesa” é um modo próprio de valer-se da ficção para descrever e questionar situações de desigualdade no país. Os “romances sobre a indústria” contavam algo da desumana condição a que estavam expostas as populações mais vulneráveis, incluindo crianças e mulheres. De acordo com Simmons Jr (2002), uma lei de 1601 permitia que indigentes e órfãos fossem feitos aprendizes em fábricas, para se profissionalizar. As dimensões abusivas que essa prática chegou a alcançar começaram a se tornar públicas quando, em 1784, uma epidemia de febre infecciosa se alastrou por fábricas de algodão em Radcliffe, e descobriu-se centenas de crianças amontoadas em compartimentos mínimos, trabalhando por longos períodos em condições insalubres. As descobertas e outras investigações nos anos 1790 revelaram muitos outros casos, e evidenciaram que crianças de três e quatro anos faziam jornadas de 16 a 18 horas diárias. Isso levou a uma lei em 1802 que limitou o trabalho diário de crianças a 12 horas e eventualmente interrompeu o trabalho noturno, indicando a necessidade de alguma forma de educação. Em 1819 outra lei limitou a 12 horas o trabalho para crianças até 16 anos e proibiu o trabalho de crianças até 9 anos em fábricas de algodão. O loby dos

fabricantes restringiu, no entanto, o alcance de muito dessas leis, ainda que outras (1820, 1825, 1831) tenham sido promulgadas. William Godwin, filósofo e pai da romancista Mary Shelley, aborda em seu romance *Fleetwood*, de 1805, algo da vida de crianças em fábricas. Outro a narrar sobre o tema foi Robert Blicoe, ele mesmo uma dessas crianças, iletrado, mas que conseguiu sobreviver, apesar de muitas dificuldades. Continuou ligado à produção de algodão, mas deu uma entrevista em 1822 sobre sua vida que, após o suicídio do jornalista John Brown, ficou com um amigo Richard Carlile, que publicou *A Memoir of Robert Blincoe* em jornal em 5 episódios em 1828, reeditado em 1832. O memorial quase autobiográfico inspirou várias obras, começando com o romance *Michael Armstrong, The Factory Boy* por Frances Trollope, de 1840, que se apoia bastante no relato de Blicoe, foi muito lido e serviu como propaganda para o Movimento Dez Horas, que levou ao Ato das Dez Horas em 1847.

Embora várias obras tenham surgido nos anos 1830 e depois, na perspectiva das más condições de trabalho nas fábricas, também houve escritores buscando amenizar e dissimular esta realidade, como Edward Baines e Andrew Ure, este chegando a comparar a atividade infantil à prática de esportes e descrevendo um ambiente alegre e descontraído para o trabalho infantil (SIMMONS Jr., 2002, p.341 passim). Do lado dos trabalhadores, destaque-se o movimento ‘Cartista’ (*Chartist*), fundado em 1838 por William Lovett a partir de uma ‘carta do povo’ que buscava obter benefícios à classe, mas foi rejeitada. A força deste movimento irá, no entanto, perdurar e influenciará na elaboração de romances tematizando a vida dos trabalhadores. Thomas Carlyle escreveu o ensaio *Chartism* (1839), em que utiliza a expressão “a questão da condição inglesa”³⁴ pela primeira vez, advogando reformas profundas no sistema parlamentar, tornando o voto direto, universal e secreto, e permitindo que pessoas sem posses pudessem representar os eleitores, uma busca de evitar convulsões como a francesa; também escreveu o livro *Past and Present* (1843), discutindo problemas sociais. Em seus ataques aos ricos, ele antecipa algumas noções dos romances sobre a condição inglesa, e inspirou reformadores sociais como William Morris e John Ruskin. Douglas Jerrold, em *St. Jiles and St. James* (1845), destaca os contrastes entre as classes sociais. No capítulo XVI, Margaret pergunta a Leonard: “Então o senhor gosta de Carlyle”³⁵ (FORSTER, 2006, p.144), indicando que, entre as discussões do grupo, estavam também estes referenciais da questão da condição inglesa.

³⁴ Em inglês: “Condition-of-England question”, traduzido aqui como “a questão da condição inglesa” (por incluir a realidade britânica como um todo), mas mais literalmente “a questão da condição da Inglaterra”.

³⁵ No original (FORSTER, 1989a, p.146): “So you like Carlyle”. Tradução de Cássio de Arantes Leite.

Entre os nomes que se destacam após Carlyle, Cobden irá se referir à escravidão branca, e Tonna à exploração de mulheres. Richard Oastler, Michael Sadler, John Fielden e outros alimentam a tensão bipartidária quanto à regulamentação do trabalho infantil. Como depois Elizabeth Gaskell, com seu *North and South* (1855), também Charles Dickens se inspira nestes cenários em vários de seus romances, como *Oliver Twist*, *David Copperfield* e especialmente *Hard Times* (1854). Note-se que ele próprio conheceu *in loco* estes cenários, pois, em função da falência do pai, que fora preso por dívidas, aos doze anos (1824) Dickens é forçado a trabalhar por um período entre seis meses e um ano em uma fábrica de produtos para sapatos, colando estampas. A experiência não chegou a ser tão longa, mas terrível, e traumatizou-o a ponto de ele, mesmo já adulto e com sucesso profissional, muitas vezes ter pesadelos de que estava de volta ao abismo, a esse mundo em que se viu sem dignidade ou direitos, e sem perspectivas de futuro. Embora tenha tentado ocultar de todos esta experiência, começou a escrever, por volta dos anos 1845, anotações autobiográficas, onde elenca algo de suas vivências, que serão mais adiante compartilhadas com o colega John Forster e aparecem também reelaboradas em sua obra *David Copperfield* (DICKENS; SANDERS; BURGIS, 2008; SMITH, 2001). Um trecho de seu fragmento autobiográfico ilustra bem como isso o afetou:

Toda a minha natureza foi tão perpassada por dor e humilhação (...) que mesmo agora, famoso, amado e feliz, esqueço muitas vezes, nos meus sonhos, que tenho uma mulher e filhos queridos, e até que sou um homem, e me vejo vagueando desoladamente, de volta a essa época da minha vida.³⁶ (DICKENS; SANDERS; BURGIS, 2008, p.857-858)

A partir de reformas nos anos 1860 as condições de trabalho em fábricas tornaram-se mais adequadas, e com isso o contexto para os romances sobre a condição inglesa perde algo de seu apelo, mas passaram a ser escritos romances sobre trabalhadores e seus contextos, de autoria de Thomas Miller, Thomas Cooper, Thomas Martin e vários outros.

Ora, em 1909, não muito antes da publicação de *Howards End*, Masterman publica sua obra *The Condition of England*, onde faz uma análise sociológica repleta de dados, organizada com forte comprometimento político e um apelo moral convincente. Ele inclusive epigrafa a

³⁶ No original: “My whole nature was so penetrated with the grief and humiliation (...) that even now, famous and caressed and happy, I often forget in my dreams that I have a dear wife and children; even that I am a man; and wander desolately back to that time of my life”. Tradução própria.

obra com Ruskin: “Se, em geral, estamos avançando, e se é realmente assim, então para onde estamos indo”³⁷ (1909).

Embora focando em uma caso contemporâneo, Kiliç (2013, p.5-9) também apresenta brevemente o romance sobre a condição da sociedade inglesa, lembrando que em vários casos eles poderiam ser chamados de ‘romances de insurreição’, pois evidenciam a situação calamitosa em que vivem essas populações trabalhadoras, descrevem levantes e provocam simpatia pela causa dos protestos sociais. Wheeler (1985, p.38) afirma que os romances do período médio vitoriano demonstram a existência de uma espécie de Apartheid entre as classes. Childers (2001, p. 83) considera que esses romances estão sempre na iminência de ultrapassar o limite dos problemas pessoais da classe média. Os problemas (sociais) começam lentamente a ser vistos como decorrentes de soluções inadequadas à complexidade envolvida, e não decorrentes de opções individuais livres e esclarecidas: não são meros problemas do indivíduo na sociedade (GUY, 1996, 69). Ela acentua ainda que não havia um ambiente de discussões em que contrapunham teoricamente os conceitos desta e daquela visão, de modo que não se pode falar muito em ‘influência’ teórica. Josephine Guy prefere pensar em um ‘construto conceitual’ (*conceptual set*), um ‘modo de pensar implícito aos membros de uma cultura’³⁸ (p. 71), associado ao que Foucault denomina ‘episteme’. Ora, à época a tendência era não conseguir identificar os problemas como sociais, e sim do indivíduo na sociedade. Assim, o romance de problemas sociais também tendia a ver nas opções pessoais as causas das situações adversas enfrentadas. Mas ela menciona Elizabeth Gaskell que, no prefácio de seu *Mary Barton*, faz questão de se dizer iletrada em economia política (p.74). Mas a autora delinea já ali algo da visão de economia política vigente a seu tempo. A expressão ‘economia política’ remonta a Adam Smith e foi desenvolvida depois por pensadores como David Ricardo e John Stuart Mill. A concepção geral é referida mais recentemente como ‘economia política clássica’ ou ‘teoria clássica’, distinguindo-a de subsequentes desenvolvimentos. A ideia geral era compreender os mecanismos articuladores das situações econômicas e sociais, sua dinâmica, suas leis, independentemente de forças estatais. A economia teria um movimento próprio, que caberia entender para poder aproveitar melhor sua dinâmica, sem buscar interferir sobre ela. Seria uma política econômica *laissez-faire*. Nessa visão, o foco está no indivíduo, pois o mercado seria apenas uma expressão resultante das demandas individuais conjugadas (p.78). Embora depois reconhecendo haver outros motivos para a ação humana que não a busca de riqueza ou lucro,

³⁷ No original: “Whether in general we are getting on, and if so where we are going to”. Tradução própria.

³⁸ No original: “way of thinking which is implicit to members of a particular culture”. Tradução própria.

Mill centra aí seu modo de explicar as formas de convivência social. Não espanta, portanto, a resistência que enfrentou a obra de Marx e seu modo de explicar a dinâmica social e econômica. Também as reações organizadas de trabalhadores que dessa percepção decorriam eram pouco compreendidas. Marx indicava a desigualdade na posse dos bens da sociedade como causa das mazelas existentes, e a necessidade de mudanças estruturais para viabilizar novos resultados, que não poderiam ser obtidos apenas pelas ações espontâneas dos indivíduos. Ora, as desigualdades estavam postas e seus resultados tornavam-se bem conhecidos. Os romances sobre a condição inglesa iluminavam as alternativas percebidas. O incômodo de setores da burguesia liberal com a aristocracia rural e seus privilégios, com o voto e a participação parlamentar atrelados a seus domínios, os levaram a buscar alternativas para solucionar os problemas sociais que o mercado por si mesmo não equacionava. É nesse contexto que surgem os reformadores sociais liberais. As novelas sobre a condição inglesa testemunham na literatura, junto com a música e a pintura, uma crescente percepção das conexões de que o indivíduo faz parte, não cabendo mais representa-lo por si mesmo, mas cada vez mais como parte de uma rede que abrange toda a sociedade (ZILIÇ, 2013, p.8). Referindo-se ao crescente papel de transformação social de que se vêem imbuídos os autores das novelas sobre a condição inglesa, Guy (1996, p.4) comenta:

As intenções dos escritores que se dedicam a esses assuntos pretendem ser sérias e, principalmente, políticas. Assim, aos romancistas de problemas sociais é comum se atribuir a intenção de tentar educar, e, portanto, por implicação, mudar as opiniões e preconceitos de seus leitores. Ao fazer isso, deixam claro que o romance pode e deve ter um papel importante a desempenhar na vida social e política.³⁹

De acordo com Ziliç (2013, p.8-9), é assim que o romance sobre a situação inglesa adquire sua qualidade ética, que é corresponde a seu potencial satírico. Este subgênero emerge como resposta em tempos de crise, como resposta às turbulências da sociedade. Um recurso literário para expor questões e alinhar esperanças, pois a literatura pode comentar com autonomia e semear valores que podem desenvolver as condições sociais. Mesmo representando muitas vezes o temor da classe média, tendo um viés conservador e

³⁹ No original: “The intentions of the writers who address these issues are assumed to be both serious and, more importantly, political. So social-problem novelists are commonly credited with the intention of trying to educate, and therefore by implication to change, the opinions and prejudices of their readers. In so doing, they are seen to be implying that the novel can, and should, have an important role to play in social and political life.”.Tradução própria.

desestimulando ações coletivas, não há dúvidas que estes romances ajudaram a criar sensibilidade social e empatia, mobilizando pessoas a buscar soluções para estas questões.

Neste contexto é oportuno aludir à pesquisa mais ampla e recente de Evelyn Cobley, particularmente expressa em seu livro *Modernism and the Culture of Efficiency: Ideology and Fiction* (2009), em que busca identificar na ideologia da eficiência uma antessala de posturas autoritárias, fascistas e eugênicas. Em Forster a pesquisadora percebe uma forte resistência a esta visão, que vê expressa com maior clareza em ensaios como *The Machine Stops*, em que associa a veneração pelo automóvel que desrespeita seu entorno como sintoma desta enfermidade instrumentalizadora da sociedade. Em *Howards End* também o carro é percebido como expressão de uma ideologia da eficiência em que tudo precisa se submeter aos ditames da velocidade, do progresso e do lucro sem freios, da ambição desmedida do capital e seus algozes. Ali o extermínio provável de consideráveis parcelas da população que não conseguem corresponder às demandas, que não são úteis para gerar lucro, é tido como mal necessário. As observações que abrem o capítulo VI são sarcásticas, e revelam amplamente o cinismo e a indiferença em relação aos mais pobres vigente na classe média-alta de então:

“Não nos importamos com os mais pobres. Eles estão fora do alcance de nossa reflexão, e só podem ser captados pelo estatístico ou pelo poeta. Esta estória trata de pessoas de bem, ou daqueles que se comprometem a fazer de conta que são da classe média.

O rapaz, Leonard Bast, estava no extremo da gentildade. Não estava no abismo, mas via-o e, por vezes, pessoas que ele conhecia tinham caído nele e não contavam mais.”⁴⁰ (FORSTER, 1989a, p. 58)

É esta visão do abismo do qual não há mais retorno que apavora os Bast e os faz tentar de tudo para manterem-se aceitáveis à classe média. Mas por trás desta ‘visão do abismo’ também está uma sociedade que aceita tacitamente a degradação e morte de seus concidadãos, que deixam de ser considerados como ‘viáveis’. Se na busca por eficiência na linha de produção algumas peças são descartadas, também é assim na sociedade: quem não se encaixa, por não ser produtivo, útil, ou por pensar diferente, para eles também o descarte é uma alternativa plausível. E aí estão as raízes autoritárias da eugenia e do fascismo. Cobley (2009, p.253) entende que o narrador qualifica a decisão de Margaret, ao final do romance, ao esclarecer que

⁴⁰ No original: “WE are not concerned with the very poor. They are unthinkable and only to be approached by the statistician or the poet. This story deals with gentleness, or with those who are obliged to pretend that they are gentleness. The boy, Leonard Bast, stood at the extreme verge of gentleness. He was not in the abyss, but he could see it, and at times people whom he knew had dropped in, and counted no more”. Tradução própria. Aqui opto por traduzir ‘gentleness’ por ‘pessoas de bem’ ou ‘classe média’, e ‘gentleness’ por ‘gentildade’.

não foi tomada apenas em relação ao marido, mas que ser uma fala eloquente a outros homens em altas posições mundo a fora:

“O discurso que ela lhe dirigiu (...) foi proferido **não só para o marido, mas para milhares de homens como ele** - um protesto contra a escuridão interior nas altas esferas que acompanha a era comercial”⁴¹ (FORSTER, 1989a, p. 322).

Cobley (2009, p. 254-255) observa que, por ocasião da organização do casamento de Evie, “Henry tratava um casamento como se fosse um funeral, item por item, nunca alçando os olhos para o todo” (FORSTER, 1989a, p.218), não sendo capaz de dar sentido ao evento, pois não conseguia ver o todo, concentrando-se na eficiente lógica de uma linha de produção. Exemplificando Marx, há uma reificação, as relações sociais são tratadas como relações entre objetos. A fragmentação da produção e dos aspectos da vida social levam a uma forma de ver as coisas dissociadas de sua relação com o todo, o que isola e aliena as pessoas e seus atos, e não lhes permite captar o sentido maior do que estão fazendo. Assim, após acabar levando Leonard a perder um bom emprego por dar uma informação falsa, Henry apela para a mão invisível do mercado, de Adam Smith, e diz que ninguém é culpado, ao que Helen rebate perguntando se ninguém seria responsável por nada, ele responde que a humanidade avançou por forças impessoais às quais alguns indivíduos precisam ser sacrificados (FORSTER, 1989a, p. 192). Cobley (2009, p. 257) também destaca que o narrador faz cair a máscara de Henry, quando este tenta resolver à sua maneira a questão de Helen, a despeito do que pensa Margaret: “O anfitrião afável e cauteloso desapareceu e, em vez disso, viram o homem que tinha amealhado dinheiro na Grécia e na África e comprado florestas dos nativos por algumas garrafas de gin.” (FORSTER, 1989a, p.277)⁴².

Cobley (2009, p. 259-261 passim) também destaca a influência romântica e hegeliana sobre o ideário de Margaret, e considera sua busca de equilíbrio entre a vida interior (o indivíduo, sua intuição e psique) e a vida exterior (natureza, sociedade), à luz da percepção de Charles Taylor sobre Hegel e os Românticos. Nesta perspectiva, a busca por racionalidade se inspiraria em Kant e a noção de um sujeito que se renova por uma união quase mística com o ‘espírito cósmico’ faz referência aos Românticos. Hegel e os Românticos buscariam

⁴¹ No original: “Her speech to him (...) was spoken not only to her husband, but to thousands of men like him--a protest against the inner darkness in high places that comes with a commercial age”. Tradução própria. Grifo meu.

⁴² No original: “The genial, tentative host disappeared, and they saw instead the man who had carved money out of Greece and Africa, and bought forests from the natives for a few bottles of gin.” Tradução própria.

dialeticamente a constante sublimação dos opostos sujeito e objeto, sem perder sua particularidade mas se complementando mutuamente. Adorno vê nestas tentativas um modo de mascarar a violência e as contradições da sociedade, perpetuando-as. Ora, na análise de Copley (2009, p. 274-281) os traços Românticos e a ligação com as forças da natureza, a busca de uma nostálgica idealização da Inglaterra rural, uma crítica à vida nas cidades, tudo isso se afinaria bastante com os elementos de discurso usados como antessala dos discursos fascistas na Alemanha. Ela apoia-se em teóricos como George Mosse (1964), que estudaram as origens ideológicas do fascismo. Se é verdade que em Margaret encontramos uma certa nostalgia pelo rural, e se *Howards End* realmente denuncia aspectos lamentáveis da condição inglesa, além das mazelas geradas pela postura empresarial exploratória, o tom crítico social se sobrepõe no romance, e o tom geral parece antes levar a uma postura de busca democrática por alternativas à desigualdade social e às mazelas do êxodo rural, a uma maior tolerância e respeito à diversidade dos grupos sociais, sem vitimizá-los nem os fazer mártires. Mesmo Leonard, que acaba falecendo, é apresentado de forma realista. Assim, não há uma idealização da vida no campo como alternativa para a sociedade, mas antes um pedido de cuidado e valorização da vida rural e de uma relação menos instrumental e mais humana com a natureza. Também não há qualquer questionamento quanto às vias de participação democrática, muito pelo contrário: o ambiente de plena discussão de tudo o que diz respeito à vida social é valorizado, há uma defesa do voto das mulheres e de seu direito à plena participação no comando das casas e da sociedade. A voz da mulher é bastante destacada. Não consigo identificar nalgum traço romântico de Margaret uma facilitação ideológica para os discursos fascistas. Pelo contrário, embora não haja espaço aqui para uma discussão mais detida do tema, entendo que esta personagem e seu ideário confrontam tendências autoritárias e eugênicas.

Como já visto anteriormente, Forster e seus amigos de Cambridge e Bloomsbury tendiam a considerar alternativas liberais para a superação de problemas sociais. Arnold e Ruskin estão entre os nomes que se destacaram no contexto Vitoriano ao considerar o maior acesso aos meios culturais como via de transformação e superação das crescentes desigualdades sociais. Forster os leu e conheceu bastante bem, e assim também as pessoas de seu entorno. Em *Howards End* Forster alude muitas vezes a preceitos de Arnold, mas deixa perceber sua insuficiência diante da realidade. Nas palavras de Gibson (1985, p. 106): “*Howards End* desacomoda seus leitores por desafiar tanto suas premissas estéticas como políticas”⁴³. Neste

⁴³ No original: “*Howards End* unsettles its readers as it challenges both aesthetic and political premises”. Tradução própria.

sentido, na percepção de Puschmann-Nalenz (2017, p. 82), “(...) *Howards End* demonstra a falência da democratização cultural como postulada por Arnold”⁴⁴.

No capítulo XVII de *Howards End*, o narrador parece ler os pensamentos de Margaret sobre a relação entre o casal Wilcox: “É impossível conceber a vida moderna **como uma continuidade e como uma totalidade**, e ela escolheu vê-la **em sua inteireza**. O sr. Wilcox a viu **como um fluxo**”⁴⁵ (FORSTER, 1989a, p.165). A passagem inspira-se em um poema bastante conhecido, em que Arnold homenageia “um amigo”, talvez Sófocles, justamente por conseguir ‘não ser imbecilizado pelos negócios nem brutalizado pela paixão, mas **ver a vida em seu fluxo e em sua inteireza**’⁴⁶ (ARNOLD, 1922, p.40). Note-se o contraste entre negócios e paixão, que dialoga diretamente com as tensões postas em *Howards End*. A busca por uma unidade que abranja tanto os aspectos imediatos como os de longo prazo, de horizonte próximo e mais amplo, é vista acontecendo em uma complementação de perspectivas, uma “conexão” de diferenças complementares no romance. Ben Howard (2018) vê nessa perspectiva um matiz oriental, Zen, na visão filosófica socrática, em uma mente que permanece fluida, responsiva à mutabilidade das condições externas. Vemos aqui também o humanismo presente: por um lado, colocar-se continuamente presente diante da vida, com integridade, firmeza, coerência nas demandas atuais; por outro lado, ser capaz de captar o sentido maior da existência, do que acontece, discernindo a conexão entre o que pode parecer fragmentado, mas conflui para o todo da vida. Aqui estão os fundamentos da busca de conectividade forsteriana. No entanto, é importante notar que, ao retomar esta expressão, Forster a situa com um olhar crítico, sugerindo que esta visão romantizada está em descompasso com a realidade. O autor traz essa expressão para demonstrar sua fragilidade no trato com as situações concretas em que as pessoas vivem, o que se mostrará perverso especialmente com aqueles não protegidos pelas benesses do capital. É com esta expressão que Leonard, recordando os momentos em que lhe foi concedido entrar em um ambiente de pessoas cultas, no capítulo VI, reconhece os problemas da proposição de Arnald:

Todos subiram aquela estreita e rica escada em Wickham Place para uma sala mais ampla, para onde ele jamais poderia segui-los, nem se lesse dez horas por dia. Ah, não é bom ter esta continua aspiração. Alguns nascem cultos; o

⁴⁴ No original: “Howards End (...) shows the failure of cultural democratisation as postulated by Arnold”. Tradução própria.

⁴⁵ No original: “It is impossible **to see** modern life **steadily and see it whole**, and she had chosen **to see it whole**. Mr. Wilcox **saw steadily**”. Tradução própria. Grifos meus.

⁴⁶ No original: “Business could not make dull, nor passion wild: Who **saw life steadily, and saw it whole**”. Tradução própria. Grifo meu.

resto deveria tentar fazer algo mais fácil. **Ver a vida fluir e vê-la como um todo** não era para pessoas como ele.⁴⁷ (FORSTER, 1987a, p.67)

Em *Howards End* esse parâmetro arnoldiano deixa de ser um incentivo e se torna uma voz do passado a criticar o presente, uma ambição vitoriana que o contexto eduardiano reconhece, aprova, mas não consegue fazer dar certo. A expressão aparece outras vezes em *Howards End*, e liga-se intimamente à noção de conexão de todas as pessoas e coisas até que todos sejam irmãos, demonstrando a força desse ideal de relações humanas mais plenas. Mas essas máximas vitorianas e arnaldianas que despontam no horizonte demonstram que não são suficientes para realizar seu propósito, não conseguem reconciliar os aspectos fragmentados da realidade num todo harmonioso, próprio da visão liberal humanista. Leonard pode esforçar-se o quanto queira, ele não terá como participar da redenção preconizada. Ele mesmo percebe o quanto não tem como participar desse sonho. Referindo-se a seu despejo pelo oficial de justiça no capítulo 27, Leonard retoma com bastante ironia este ideal: “Quando o vi mexendo em meus Ruskins e Stevensons, tive a impressão de **enxergar a vida diretamente em toda sua realidade, e não é uma visão das mais bonitas.**”⁴⁸ (FORSTER, 2006, p. 233). É nesse momento que ele alude ao dinheiro como base para uma vida feliz ligada à cultura e ao universo letrado que o atraía da perspectiva de Arnold. Fica evidente aqui a ácida crítica de Forster à ideia liberal de democratização da sociedade a partir da aquisição de cultura, como proposta por Arnold. Nesse mesmo contexto Helen traz a consciência da morte como argumento, e serão justamente os livros que ele mais adiante vai admirar na estante de *Howards End* que o pressionarão até perder a vida, ao final da obra. A pobreza e a morte, para Leonard não são questões filosóficas, mas bem reais.

Através de Helen, Forster traz uma crítica às formas socialmente comprometidas de liberalismo, mas também a seu próprio contexto de amigos intelectuais, o grupo de Bloomsbury, demonstrando sua incapacidade de oferecer respostas satisfatórias às desigualdades sociais. Não será o acesso à melhor cultura inglesa que conseguirá redimir os pobres de sua sociedade. Não bastasse isso, os pobres também são objeto da maldade das classes médias-altas, que não as querem ver prosperar ou vivenciar sua felicidade. Isso se manifesta na leitura de Sarker

⁴⁷ No original: “They had all passed up that narrow, rich staircase at Wickham Place to some ample room, whither he could never follow them, not if he read for ten hours a day. Oh, it was no good, this continual aspiration. Some are born cultured; the rest had better go in for whatever comes easy. **To see life steadily and to see it whole** was not for the likes of him.” Tradução própria. Grifo meu.

⁴⁸ No original: “When I saw him fingering my Ruskins and Stevensons, I seemed **to see life straight and real, and it isn’t a pretty sight**” (FORSTER, 1987a, p. 235). Tradução de Cássio de Arantes Leite. Grifo meu.

(p.642-643), uma vez que o Sr. Wilcox teria dado a Leonard um mau conselho de propósito, por ciúmes do interesse de Margaret pelo funcionário. A própria Margaret prefere afastar-se de Leonard após o escândalo no casamento de Evie.

Além disso, a obra revela também uma importante dificuldade de Forster com o impulso de acumular dinheiro, propriedades, e esta questão é relevante em sua elaboração (cf. Sarker, p.573): “Foi essa filosofia monetária de Forster que constituiu parte do foco central de *Howards End*”⁴⁹. Seu biógrafo Furbank (1979, vol II, p.236) cita uma resposta a Hilton Young, mais tarde Lord Kennet, em que menciona se sentir contrariado por sua condição naturalmente voraz, acumuladora, devota ao vil metal e incapaz de usufruir de seus recursos, aludindo ao avô Henry e aos riscos que a afeição ao dinheiro engendra:

As partes do comunismo e do cristianismo que me interessam não são os aborrecidos igualitarismos, mas seu esforço por evitar dinheiro. Não penso que dinheiro seja perigoso, e conheço mais sobre seus perigos do que você supõe, pois meu avô foi um banqueiro muito famoso, e algo de sua ferocidade corre em meu sangue e me tenta a preferir o dinheiro às coisas que ele compra.⁵⁰ (loc. cit.)

A tensão de Forster com este também seu apreço pelo capital ele vê, portanto, com raízes em seu avô Henry Thornton, famoso banqueiro, membro do Parlamento, mas também filantropo e, como sua filha Marianne, ligado à ‘seita Clapham’. Este nome (seita Clapham) surgiu, na verdade, por terceiros, que buscaram caracterizar negativamente o grupo de evangélicos bem de vida, mas preocupados também com filantropia, abolição e outros temas. Marianne Thornton, engajada por direitos humanos, de quem Forster mais tarde irá escrever uma biografia, sua tia paterna, preocupou-se e deixou-lhe também uma considerável quantia que lhe permitiu fazer viagens e viver com tranquilidade financeira. Henry e a filha preocuparam-se com temas sociais mais amplos, fruto de uma influência vitoriana de refletir sobre a condição da sociedade inglesa, de encontrar vias para resolver estes impasses, como o

⁴⁹ No original: “It was this monetary philosophy of Forster that formed a part of the central focus of *Howards End*”. Tradução própria.

⁵⁰ “No original, de 15 de fevereiro de 1940: “The parts of Communism and of Christianity that interest me are not their boring egalitarianisms, but their attempt to cut out money. I do not think money is dangerous, and I know more about its dangers than you suppose, for my great grandfather was quite a famous banker, and some of the canniness runs in my blood, and tempts me to prefer money to the things it buys” Tradução própria. O trecho também consta da seleção de cartas de Forster editada por Lago e Furbank (vol 2 p.172-173).

fizeram Arnold, Ruskin. Henry foi Membro do Parlamento e suas considerações levaram ao desenvolvimento de um banco central inglês, algo visto como importante para evitar a desvalorização da moeda e permitir uma estabilidade econômica à nação. Mas é possivelmente neste contexto de reflexões que se localiza a raiz mais forte do liberalismo de Forster, que vem de uma discussão qualificada sobre como promover condições para o desenvolvimento social e digno das pessoas, como favorecer a cidadania e as liberdades civis, como usar bem e fazer o dinheiro colocar-se a serviço da vida.

2.1.4. Bloomsbury e Moore

Forster não confessava suas influências, e não haveria de revelar nada sobre os sigilosos Apóstolos. Não consta que tenha partilhado seus projetos literários nesse contexto. Em Londres, no círculo mais livre ligado às artes e à literatura, já havia mais comunicação nesta direção. Algo bastante valorizado por Forster em Bloomsbury foi o mencionado “Espaço da Memória”, em que os membros repartiam suas anotações em diários, cartas e outras anotações pessoais neste grupo exclusivo e secreto. Nozen, Amani e Ziyarat (2017) consideram que pode-se derivar dessa prática até certa elaboração conjunta de algumas obras de literatura e arte, sugerindo, inclusive, algo disso já na elaboração de *Howards End* (p.324). Mas Rosenbaum, em sua pesquisa mais robusta, deixa claro que o “Espaço da Memória” foi uma espécie de clube secreto, mas que só se inicia mais adiante, com uma convocação por carta em 1920 e, portanto, não caberia imaginar uma antecipação tão qualificada dessa prática já em 1910 (ROSENBAUM e HAULE, 2014). Ainda assim, Nozen, Amani e Ziyarat acertam ao indicar que o ambiente cultural das irmãs Schlegel expressa muito das práticas, conceitos e valores do grupo de Bloomsbury. De fato, *Howards End* revela muito da maneira de vida desse círculo de amigos, seus ambientes, os grupos com os quais interagiam e que os influenciavam, os valores e ideias que os rondavam.

Semelhante aos Apóstolos, o grupo de Bloomsbury e outros semelhantes costumavam fazer exposições orais sobre tópicos em pauta, preparadas e mesmo ensaiadas anteriormente: “...Helen estava agora em baixo na sala de jantar preparando uma exposição sobre economia política. Às vezes sua voz podia ser ouvida declamando, através do corredor.”⁵¹ (FORSTER, 1989a, p.117). No capítulo quinze temos uma abordagem sobre encontros do grupo,

⁵¹ No original: “...Helen was now down in the dining-room preparing a speech about political economy. At times her voice could be heard declaiming through the floor.” Tradução própria.

inicialmente um encontro só com mulheres, e a reunião é descrita com certo detalhe, sendo possível identificar momentos e falas típicas destes encontros para discussão de temas diversos:

As irmãs saíram para jantar completamente absorvidas com sua aventura, e quando ambas ficavam absorvidas com o mesmo assunto, havia poucos jantares capazes de fazer-lhes frente. Este, em particular, que era só para mulheres, estava mais animado do que de costume, mas sucumbiu após alguma luta. Helen num lado da mesa, Margaret no outro falavam do sr. Bast e de ninguém mais, e em algum ponto durante a entrada seus monólogos colidiram, fizeram-se em pedaços e tornaram-se propriedade comum. Mas isso não foi tudo. O jantar era na realidade um clube de discussão informal; havia um texto ao final, lido entre xícaras de café e risadas na sala de visitas, porém tratando mais ou menos cuidadosamente de algum tópico de interesse geral. Após o texto vinha um debate e nesse debate o sr. Bast também figurou, aparecendo ora como um ponto brilhante na civilização, ora como um ponto negro, segundo o temperamento de quem falava. O tema do artigo fora “Como devo gastar meu dinheiro?”, lido por uma suposta milionária às portas da morte, inclinada a legar sua fortuna para a fundação de galerias de arte locais, mas aberta a ser persuadida por outros. As várias partes interessadas haviam sido designadas de antemão e alguns discursos eram divertidos⁵² (FORSTER, 2006, p.130)

O texto segue com colocações sobre o sentido do dinheiro, em que medida se deveria dispor de recursos para proporcionar acesso à cultura para os desprovidos, e outras tantas considerações de como se poderia, e se dever-se-ia ajudar pessoas como os Bast, se deveriam ser disponibilizadas roupas, alimentos, se deveriam ser custeadas viagens culturais a Veneza, tenis, enfim. Na forma de apresentar a discussão fica evidente certa falta de contato das pessoas desse grupo com a realidade e as necessidades efetivas das classes empobrecidas, como os Bast. De certa forma, parece ser uma indicação das críticas que o autor gostaria de fazer aos seus

⁵² No original (FORSTER, 1989a, p.132) : “The sisters went out to dinner full of their adventure, and when they were both full of the same subject, there were few dinner-parties that could stand up against them. This particular one, which was all ladies, had more kick in it than most, but succumbed after a struggle. Helen at one part of the table, Margaret at the other, would talk of Mr. Bast and of no one else, and somewhere about the entree their monologues collided, fell ruining, and became common property. Nor was this all. The dinner-party was really an informal discussion club; there was a paper after it, read amid coffee-cups and laughter in the drawing-room, but dealing more or less thoughtfully with some topic of general interest. After the paper came a debate, and in this debate Mr. Bast also figured, appearing now as a bright spot in civilization, now as a dark spot, according to the temperament of the speaker. The subject of the paper had been, “How ought I to dispose of my money?” the reader professing to be a millionaire on the point of death, inclined to bequeath her fortune for the foundation of local art galleries, but open to conviction from other sources. The various parts had been assigned beforehand, and some of the speeches were amusing.” Tradução de Cássio de Arantes Leite.

amigos intelectuais de Bloomsbury, com os quais ele dialoga bastante, mas de cujas opiniões e horizontes também se distancia um pouco.

O mencionado artigo de Nozen, Amani e Ziyarat (2017) até sugere, como outros críticos anteriormente haviam indicado, que a elaboração das personagens conhecidas como ‘as irmãs Schlegel’ teria se inspirado nas fundadoras do grupo, as filhas da sra. Stephen, Virgínia Woolf e Vanessa. Realmente, a obra de Forster lhes associa muito das temáticas e práticas do grupo de Bloomsbury, dando suporte a esse referencial. Mas Medalie (2007) chama a atenção para a forma sutilmente irônica como Forster representa o grupo de Bloomsbury em *Howards End*, colocando Margaret até um pouco atordoada com todo esse burburinho e demonstrando certo distanciamento crítico diante de alguns possíveis exageros, parcialidades e limites de algumas visões correntes nesse círculo. Forster as verbaliza, divulga, mas também não as endossa plenamente, fazendo inclusive com que as próprias irmãs reconsiderem ou relativizem aspectos dessas falas, quer por prática, quer conceitualmente. A facilidade, aliás, com que Helen se vê fascinada e se curva diante das visões dos Wilcox logo no início do romance deixam entrever certa fragilidade dessas posições, e certo descolamento de vivências capazes de consubstanciar suas ideias e valores. Neste sentido, Medalie percebe vários tensionamentos das posições humanistas e liberais defendidas pelo grupo, e considera que, se Forster mais tarde irá assumir a defesa de vários valores e ideias do grupo de forma mais ostensiva, diante da grave crise que se abaterá sobre a Europa nas décadas seguintes, ao tempo da elaboração de *Howards End* Forster fazia parte, sim, do grupo de Bloomsbury, com quem refletia e compartilhava muito de seus valores e ideais, mas dos quais também mantinha-se a certa distância, sem querer endossar plenamente tudo o que era dito e pensado por ali.

Algo semelhante pode-se observar em relação às ideias de Moore partilhadas pelo grupo de Bloomsbury. Forster acompanha e reflete sobre várias questões propostas pelo pensador, especialmente a supremacia da amizade, das relações pessoais, o valor da busca pela verdade e da contemplação estética diante de outros valores convencionais ou utilitaristas. Mesmo tendo, em contexto bem específico (FORSTER, 1998), contestado ter lido a obra de Moore, Forster, como já aventado, expressa muito de seu ideário e vale-se, sem dúvida, de sua expressividade. Um exemplo notável é alusão à 5ª sinfonia de Beethoven nos primeiros capítulos de *Howards End*, especialmente no capítulo V, em que a descreve como “o ruído mais sublime que jamais

penetrou no ouvido humano. Satisfaz a todas as naturezas e condições”⁵³ (FORSTER, 2006, p.43). Não por coincidência, a composição também é destacada por Moore como exemplo de belezas de valor intrínseco em seu *Principia Ethica* (§115). Rosenbaum (1994, p.441) observa, ainda assim, que Forster também havia lido uma resenha de seu amigo Dickinson (1904) sobre esta sinfonia, o que poderia enfraquecer um pouco este argumento. Têm prevalecido amplamente, na crítica, as vozes que corroboram a grande influência dos Apóstolos, do grupo de Bloomsbury e de G. E. Moore na concepção e elaboração de *Howards End*, seja diretamente, pelo compartilhar de esboços, elaborações, mas também através de um ideário questionado, sim, em diversas manifestações, mas no geral intimamente partilhado. Assim se vê, por exemplo, em Rosenbaum (1987; 1994), Starker (2007), Brandschaw (2007), Fordonski (2017), Souza (2019). No entender de Rosenbaum (1994, p.398) “...ele escreveu seu quarto romance sobre pessoas como ele mesmo, Virginia Woolf e seus amigos”⁵⁴.

2.2. A personagem Margaret Schlegel

2.2.1. Observações preliminares

Margaret apresenta-se como síntese, como via de conexão entre os extremos, representados por Henry (o empresário) e Helen (a socialmente justa), entre ingleses e alemães, entre o empreendedorismo e a cultura. Ela também assume uma função de continuidade na ligação com a terra, com a natureza, aparecendo como uma espécie de elo entre a Inglaterra rural representada por Ruth Wilcox e o progresso representado por Henry e os filhos. De certa forma ela dá continuidade ao primeiro casamento deste, mas introduz elementos novos no pacto conjugal. De certa maneira não parece que Margaret assuma o próprio nome Wilcox. Fica a impressão de que mantém sua independência financeira, e, se muitas vezes se cala a contragosto, impõe certos limites e acaba participando mais ativamente das tomadas de decisão. Não teme ficar sem marido, se certos parâmetros não forem respeitados. É verdade que vários comentaristas reconhecem em Margaret a fala de Forster, como se ela veiculasse seu ponto de vista. Mas, como tudo o mais em Forster e seus romances, o que ocorre é mais complexo.

De certa forma, Forster vale-se de Margaret para expressar várias noções próprias, veiculando através dela muito de seu próprio dizer e pensar. Por outro lado, ele também expõe as contradições da condição da mulher na sociedade da época. Ao silenciar e evitar Leonard

⁵³ No original (FORSTER, 1989a, p. 44): “the most sublime noise that has ever penetrated into the ear of man. All sorts and conditions are satisfied by it.” Tradução de Cássio de Arantes Leite.

⁵⁴ No original: “...he wrote his fourth novel about people like himself, Virginia Woolf, and their friends.” Tradução própria.

para não irritar o marido, ao silenciar e adotar uma postura passiva e compassiva, ainda que só de fachada, ao valorizar (semelhante à própria Helen quando de sua paixão por Paul) as ideias e estratégias de Henry nos negócios, ela demonstra os limites das mulheres de então, e Forster deixa clara, em certos momentos, a insatisfação dela com seu casamento, demonstrando os limites dessa instituição.

2.2.2. A família Poston

No início do capítulo dedicado a *Howards End*, Sarker (2007) destaca o apreço de Forster por esta obra, seu “melhor romance”, e indica que o ‘germe’ (assim Furbank, 1979, vol. I, p.142) teria sido o contato, em 1906, com a nova esposa do Sr. Poston, uma mulher charmosa e culta. Moravam na casa Highfield, próxima a Rooksnest. Lá viviam, anteriormente, Charles Poston (o pai), a Sra. Poston, o pequeno filho Charles Poston Jr e a filha Elizabeth. Esta era uma das poucas famílias com quem sua mãe, Lily, permitia contato. Viveram ali de 1886 a 1913. Por seis anos, quando vivera lá, conviveu com a família Poston. Ao voltar, em 1906, encontrou já a segunda esposa Clementine, mas nada no modo de conduzir a casa havia se alterado. Isso lhe indicou uma estabilidade aparentemente mais ligada à casa em si do que a seus integrantes (Sarker, 2007, p.573-574).

Nicola Beaman (1993, p.186) relata sobre as experiências de Forster com a família Poston, em que a segunda esposa, ao inserir-se na mesma casa, acaba forçando-se a dar continuidade aos modos de viver ali prevalentes. Aparentemente Margaret também, como segunda esposa em *Howards End*, parece intuitivamente dar continuidade ao modo de viver de sua antecessora, a Sra. Ruth Wilcox. Ela indica vários paralelos entre as segundas esposas Clementine e Margaret até o final do romance. Margaret, por outro lado, é vista como verbalização de Forster (*‘mouthpiece of Forster’*) por Sarker (2007, p.642). O autor parece ver no casamento de Margaret uma forma dela conectar os extremos racionalidade e paixão (Henry e Hellen) e alcançar uma espécie de ‘salvação’, não pelo antagonismo, mas pela relação pessoal, ao casar-se com Henry.

2.2.3. Algumas irmãs na literatura e na vida

É notável a observação de Lionel Trilling em seu prefácio à exposição de Irvin Stock sobre William Hale White (1956, p.viii): “ninguém, agora sei, deveria escrever muito sobre o

sr. Forster sem levar em conta sua ampla afinidade com Hale White”⁵⁵. Ali ele atribui a Hale White a mesma impaciência de Forster com as prescrições impostas ao gênero do romance, e considera evidente que Helen e Margaret Schlegel se inspiram em Clara e Magde Hopgood, e que o tema “*only connect*” de Forster também pode ser considerado um tema central para Hale White: “... eles partilham sua clara simpatia por intelectuais e certa consciência de seu orgulho reservado, sua piedade natural ou seu senso do mistério do senso comum, e sua tendência a contrapor-se diante do mal e desespero plenamente reconhecidos”⁵⁶ (op. cit., p.ix). Ao discorrer sobre as irmãs espinoseanas⁵⁷ Magde e Clara na obra de Hale White, Hughes (1974, p.72ss.) também aponta para a influência do enredo em torno dessas irmãs da obra Clara Hopgood na elaboração das irmãs Schlegel e de outros aspectos de *Howards End*, assim como para a construção das irmãs Ursula e Gudrun Brangwen no romance *Women in Love*, de Lawrence. Hughes observa que esses autores, especialmente Hale White e Forster, percebem o interesse e a riqueza de abordagem gerada ao falar sobre mulheres independentes, inteligentes e intelectuais, e que mantém uma forte afeição mútua. Hughes observa ainda que, embora a tendência mais imediata seja ver a expressão do “*Only connect*” que epigrafa a obra referir-se especialmente a Margaret e Henry Wilcox, a ligação mais forte e que prevalece na obra é aquela entre as duas irmãs, que expressam uma visão dualística mas complementar à afinidade entre mulheres bastante diferentes:

o final do romance, de fato, coloca as irmãs juntas em *Howards End*, em harmonia entre si e distantes tanto do mundo dos negócios como das causas idealistas. (...) Juntas as irmãs agora complementam-se: Helen percebe sua inabilidade para amar homens, mas encontra alegria em cuidar de seu filho, e Margaret é incapaz de gostar de crianças, mas continua a cultivar sua relação com Henry.⁵⁸ (Loc. cit.)

Linda Hughes alude à expressão de McDowell (1969, p.90) dizendo que a relação entre ambas é “imperecível”, de modo que “as irmãs reajustam seus valores humanísticos e alcançam solidariedade maior do que Henry e Margaret. Elas reconhecem tacitamente uma falha parcial

⁵⁵ No original: “... no one, I now know, should write at length of Mr. Forster without taking note of his general affinity with Hale White.”. Tradução própria.

⁵⁶ No original: “... they have in common their undeceived sympathy with the intellectual person and an awareness of his petty isolate pride, and their natural piety or sense of the mystery of the commonplace, and their impulse to affirmation in the face of fully recognized evil and despair.” Tradução própria.

⁵⁷ As irmãs são consideradas espinoseanas por manifestar uma visão inspirada em Spinoza da parte do autor. Quanto a isso ver mais detidamente a parte inicial do artigo de Huges.

⁵⁸ No original: “The end of the novel indeed finds the sisters together at *Howards End*, in harmony with each other and distant from the worlds both of business and idealistic causes. (...) Together the sisters now complement each other: Helen realizes her inability to love men but finds joy in her young son; Margaret is incapable of loving children but continues to cultivate her relationship with Henry Wilcox” Tradução própria.

em suas tentativas de ligar-se a pessoas fora de sua própria esfera, como com Henry Wilcox e Leonard Bast”⁵⁹ (McDOWELL, 1969, p.90).

James Roger Ebbatson (1975) discorre a respeito de irmãs tematizadas na literatura e que influenciaram Forster. Ele entende que Forster, ao valer-se de irmãs em sua ficção está “pondo o novo vinho do iluminismo de Bloomsbury em odres ficcionais antigos”⁶⁰ (EBBATSON, 1975, p.195). Entende que as irmãs Elinor e Marianne Dashwood e suas sucessoras são claramente discerníveis em um admirador de Jane Austen, mas aponta diferenças entre as pretensões culturais dessas irmãs ao contrastar com o intelectualismo emancipado das Schlegel. O tema da ilegitimidade, todavia, aponta para romancistas mais próximos a Forster. Primeiramente investiga George Meredith e suas representações de irmãs. Ele reconhece uma influência desse autor em seu pensamento por muitos anos, e chega a falar de uma certa hegemonia dessa influência ficcional em Cambridge (loc. cit.). Algumas linhas de *Modern Love* são citadas em *Howards End*. Ebbatson entende que seu modo de tratar mulheres deve muito a Meredith. As irmãs polonesas de *Sandra Belloni* são intelectualizadas, e partilham características, têm certa consciência de suas dificuldades de lidar com as realidades cruas da vida de pessoas trabalhadoras, e buscam identificar seu ‘valor intrínseco’. Também há um irmão pouco motivado e ‘adotam’ alguém alheio à sua classe social. Mas o enredo difere bastante em outros aspectos. O tema da jovem seduzida, abordado em *Rhoda Fleming*, em que a irmã mais sensata Rhoda contrasta mas sabe lidar com sua irmã Dália, glamorosa, romântica, que envolve-se com um esquisito advogado. Há um contraste entre a fazenda vista como lugar agradável e a sedutora selvageria de Londres, associada ao mundo dos negócios e à miséria de um funcionário de banco, Anthony Hackbut. Também a piedade natural da sra. Sumfit e sr. Gammon transparece na sra. Avery de Forster. Mas Ebbatson vê uma construção mais profunda e reflexiva em Forster, e explora mais detidamente as convergências entre o enredo ligado às irmãs Schlegel e o das irmãs Hopgood, de Hale White, na obra *Clara Hopgood*. Magde e Clara representam dois modos de vida contrastantes: a vida espontânea de sentimentos e intuição e a vida deliberada de reflexão e regras, nas palavras de Stock (p.200). Quanto às irmãs Elinor e Marianne em *Sense and Sensibility*, Tanner (1986, p.99) observa que elas “não são meros indicadores de paixão e razão, impulso e censura, sentimento e forma, poesia e prosa”⁶¹. Em

⁵⁹ No original: “The sisters reassert their humanistic values and achieve a greater solidarity than do Henry and Margaret. They tacitly acknowledge a partial failure in their attempts to connect with people outside their own sphere, as with Henry Wilcox and Leonard Bast.” Tradução própria.

⁶⁰ No original: “pouring the new wine of Bloomsbury enlightenment into old fictional bottles”. Tradução própria.

⁶¹ No original: “they are not simply ciphers for passion and reason, impulse and restraint, feeling and form, poetry and prose”. Tradução própria.

Austen, Tanner (p.102) associa as casas a prisões, e Ebbatson (p.197) vê como um sonho de artista um equilíbrio dessas diferenças, e vê a irmã mais passional sendo domesticada.

Smith (p.113 nota 5) faz várias observações pertinentes, entre elas, que Clara corresponderia ao papel de Margaret, “objetiva, firme, mas não sem ‘brilho’”, como a descreve, enquanto Magde é mais “atrativa, passional e impetuosa”.⁶² Note-se que Trilling (1944, p.116) vê uma relação entre os nomes das irmãs Schlegel e o das heroínas das duas primeiras partes do *Fausto*, uma a heroína da vida prática, a outra da vida ideal. Trilling vê também no filho de Helen uma expressão de Euphorion. Na reimpressão de 1951 o comentarista observa, todavia, que Forster, após ler esta observação, negou ter buscado essa associação com a obra de Goethe.

Os romances de Forster geralmente trazem uma mãe viúva com filha e e filho. O enredo, diálogos e intrinsecidades do autor são usadas para retratar uma liberação dos constrangimentos derivados dos ideais de vida familiar vitoriana. (ELERT, p.iv)⁶³

Como observador masculino da feminilidade, Forster destacava os efeitos da convivência familiar predominantemente feminina em um jovem sem a figura paterna. Seus romances trazem um número de rapazes (...) em sua incerteza e relutância em envolver-se com a vida. Eles buscam mais a companhia masculina que a feminina. (ELERT, p. 136)⁶⁴

A presença de irmãs na literatura do século XIX não passou despercebida na pesquisa. Além de Susan Morgan (1989) e Brown (2003), muitas outras investigações foram feitas, percebendo a ocorrência destes personagens duais femininos no contexto de uma crescente consciência de gênero entre as mulheres. Elas já foram vistas por Wright (1984) como ‘repositório do humanitarismo liberal culto’⁶⁵ ou para “personificar a estética ocidental”⁶⁶ (GOLDMAN, 2007, p.131), mas é importante lembrar que, “ao representar tais valores abstratos, ou forças sociais, elas não são mulheres reais; mas nem assim elas estão operando como

⁶² No original: “objective, steady, but not without ‘radiance’ (...) attractive, passionate and impetuous”. Tradução própria.

⁶³ No original: “Forster's novels usually present a widowed mother with a daughter and a son. It is shown how the plot, dialogue and authorial intrusions are used to depict a liberation from the constraints of the Victorian ideals of family life.” Tradução própria.

⁶⁴ No original: “As a male observer of womanhood Forster stressed the effects of a predominantly female household on a young man deprived of a father-figure. His novels contain a number of young men (...) in their uncertainty and reluctance to get involved with life. They were looking for a male companion rather than a female.”. Tradução própria.

⁶⁵ No original: “the repository of cultured liberal humanitarianism”. Tradução própria.

⁶⁶ No original: “personify western aesthetics”. Tradução própria.

alegoria”⁶⁷ (loc. cit.). Aguiar e Flores (2017) ressaltam o protagonismo feminino em *Howards End*. Langland (1995) e Starker (2007) também destacam a profunda ligação entre estas mulheres, chegando a sugerir que elas fossem os verdadeiros opostos a serem conectados no romance.

2.2.4. A mulher que Margaret representa

Langland (1995) vê na elaboração de *Howards End*, especialmente em sua forma de contar esta estória, um modo de desconstruir a visão e a lógica patriarcal. Com esta finalidade Forster teria escolhido valer-se de uma voz narrativa feminina para a obra, e a pesquisadora oferece elementos para corroborar este insight. A constituição de Margaret como personagem tem um papel fundamental nesta empreitada, pois ela incorpora uma nova mulher britânica em processo de afirmação de si mesma como mulher que é sujeito de seu destino e articuladora de mudanças na forma de conviver das pessoas. Langland analisa como Forster a concebe e tenta identificar a intencionalidade desta proposição:

As descrições forsterianas de Margaret transcendem o tradicionalmente feminino e reinscrevendo-a em uma retórica de reconciliação e conexão. Através de Margaret Schlegel os conceitos tradicionais de masculinidade e feminilidade são avaliados e submetidos às demandas de uma integração superior, de modo que o ponto de vista de Margaret por fim não é representativo de uma visão que poderíamos categorizar como essencialmente de mulher ou feminina. Forster é atento tanto às concepções essencialistas de mulher como à classificação social de feminino. Ele subverte ambas em sua caracterização de Margaret Schlegel (...)⁶⁸ LANGLAND, 1995, p. 86.

Ao conceder a Margaret características que não a limitam aos traços atribuídos a seu gênero, a pesquisadora vê uma certa afirmação ao leitor de que a constituição da identidade de gênero das pessoas pode, sim, desbordar as convenções quanto a isso, em velada confrontação à moralidade vitoriana. É importante notar, todavia, que Margaret burla as expectativas Vitorianas de comportamento exatamente por conhece-las, antecipar-se a elas e valer-se destas expectativas para agir com outra intencionalidade. Assim, ela ‘se faz de louca’, de desentendida, para não destoar das expectativas mesmo não correspondendo efetivamente a elas. No capítulo XXV, Margaret usa de artifícios e vale-se das expectativas patriarcais em relação às mulheres:

⁶⁷ No original: “In representing such abstract values, or social forces, they are not real women; but nor are they simply functioning as allegory”. Tradução própria.

⁶⁸ No original: “Forster’s descriptions of Margaret transcend the traditionally feminine and reinscribe her within a rhetoric of reconciliation and connection. Through Margaret Schlegel, the traditional terms of masculinity and femininity are scrutinised and subjected to the demands of higher integration. Margaret’s point of view, then, is ultimately not representative of a view we might code as essentially female or feminine. Forster is sensitive both to essentialist conceptions of the female and to the social coding of the feminine. He subverts both in his characterization of Margaret Schlegel (...)”. Tradução própria.

“Seu pai aceitou a explicação e nenhum dos dois soube que Margaret preparara habilidosamente o caminho para isso. Encaixava-se bem demais na visão que tinham da natureza feminina.”⁶⁹ (FORSTER, 2006, p.213). Ela finge surpresa ao ser pedida em casamento, finge não entender do que se trata, abstém-se de verbalizar o que pensa, enfim, usa e manifesta estratégias para não deixar-se perceber fora do padrão esperado. Langland também assinala que Margaret resiste às simplificações binárias de seu contexto, e alerta Helen que as pessoas são bem mais diversas do que aparentam, e mundo a fora aborrecem-se por não conseguirem se tornar o que deveriam tornar-se, na lógica corrente: “É apenas que as pessoas são mais diferentes do que se imagina. No mundo todo, homens e mulheres sofrem porque não podem se aprimorar como se espera que deveriam.”⁷⁰ (FORSTER, 2006, p. 327).

Para melhor compor a imagem equilibrada e moderada de Margaret, Forster também se vale de contrastá-la com a espontaneidade e impetuosidade da irmã Helen, que ora encanta-se e apaixona-se pelos Wilcox, logo mais passando a rejeitá-los profundamente. Enquanto Helen fixa suas mudanças de valoração em pequenos indícios que lhe servem de base para juízos radicais, Margaret tende a buscar um entendimento mais amplo das pessoas, dos processos, suas motivações, e prefere refletir mais sobre o valor ou não do conjunto das atitudes. Por exemplo, considerando o quanto o empreendedorismo e a avidez de pessoas como os Wilcox, mesmo que nem sempre corretamente dosadas, é responsável por muito do que se tem conseguido fazer para a economia inglesa e mesmo para o confortável estilo de vida das elites culturais. Enquanto Helen choca-se e rejeita, Margaret busca fazer um julgamento de mais longo prazo, focando antes em opções para si mesma do que para outras pessoas. É assim que, ao final do romance, com sua situação e da família asseguradas, ela parece abrir mão de boa parte de seu capital, supostamente em favor de causas meritórias, mas sem fazer disso muito alarde. Mas Margaret também é apresentada em sua capacidade de opor-se frontalmente ao patriarcado de Henry, quando sua responsabilidade com relação à vulnerabilidade da irmã gestante o exigem.

⁶⁹ No original (FORSTER, 1989a, 214): “His father accepted this explanation, and neither knew that Margaret had artfully prepared the way for it. It fitted in too well with their view of feminine nature.”. Tradução de Cássio de Arantes Leite.

⁷⁰ No original (FORSTER, 1989a, p. 327): It is only that people are far more different than is pretended. All over the world men and women are worrying because they cannot develop as they are supposed to develop”. Tradução de Cássio de Arantes Leite.

O cuidado e a sintonia com a ‘vida interior’ é patrimônio comum para ambas, um valor construído em comum e critério para muitas de suas escolhas mais profundas. Forster deixa indícios de uma inspiração oriental para esta busca:

Há momentos em que a vida interior realmente ‘compensa’, em que anos de auto-exame, conduzidos em qualquer motivo oculto, são subitamente de utilidade prática. Tais momentos ainda são raros no ocidente; o fato de ocorrerem encerra promessas de um futuro melhor⁷¹ (FORSTER, 1989a, p. 196).

Ao privilegiar a vida interior, Forster reverte a hierarquia usual de oposições feminino/masculino, oriental/ocidental, intuição/lógica, o que é parte de seu legado; mais do que isso, ele acrescenta uma nova leitura em que os polos se abrangem mutuamente e à *différance* dessa diferença irreduzível, como proposto por Derrida, sendo forçados a pensar ou imaginar o ‘inconcebível’, o que pensávamos ser mutuamente excludente, sendo forçados a novas concepções para as quais nem tínhamos conceitos (LANGLAND, 1995, p. 89). Aqui uma conexão mística com a natureza, com a casa, com o olmeiro, que leva a intuições das necessidades do outro, que se deixa iluminar por certa comunhão inexplicável, reverbera e transcende o perceptível pelos sentidos. É assim que Margaret busca, ao fim, encontrar uma harmonia última, que conecta todas as coisas.

Em seu capítulo sobre ‘a originalidade de Forster’, Schwarz (1995, p.128) vê Margaret como representante do autor. Ao buscar o equilíbrio e a proporção como critério para suas atitudes, ela não apenas corrobora os valores promovidos pelo romance, mas aponta para o entendimento da forma do romance em Forster. Ela incorpora a capacidade de uma vida interior e também para oferecer respostas pessoais às situações enfrentadas. Ela é descrita no início do romance como tendo “uma vivacidade profunda, uma contínua e sincera responsividade a tudo o que encontrava ao longo da vida”⁷² (FORSTER, 1989a, p. 25). Também como Forster, ela não queria perder a graça da vida prevenindo-se para todas as eventualidades⁷³ (op. cit., p. 71). Como observa Schwarz (loc. cit.), por algum tempo ela foi diminuída e pressionada pela estreiteza moral do sr. Wilcox, mas por sua habilidade em reagir de forma pessoal e por sua

⁷¹ No original: “There are moments when the inner life actually "pays," when years of self-scrutiny, conducted for no ulterior motive, are suddenly of practical use. Such moments are still rare in the West; that they come at all promises a fairer future”. Tradução própria.

⁷² No original: “a profound vivacity, a continual and sincere response to all that she encountered in her path through life”. Tradução própria.

⁷³ No original: “she felt that those who prepare for all the emergencies of life beforehand may equip themselves at the expense of joy”. Tradução e adaptação próprias.

abertura de espírito ela consegue resistir⁷⁴. Ele comenta ainda que Margaret tem limitações, pois sua vida interior está ameaçada de tornar-se tão vazia como a do sr. Wilcox. Ela parece deslocar-se para a posição de ‘sra. Wilcox’. Schwarz entende que Forster oscila entre dar-lhe uma perspectiva humanística inclusiva, para assim evidenciar nela a complacência, o tradicionalismo e o exibicionismo de sua nova posição social, fazendo-a capaz de rotular, ser arrogante, perdendo de vista a qualidade de sua ligação com as pessoas.

2.2.5. O ideário de Margaret Schlegel

Não é sem fundamento que muitos pesquisadores vêm na personagem Margaret Schlegel uma representação do próprio modo de pensar de Forster. De fato, são muitos os personagens da ficção forsteriana que parecem expressar aspectos do pensamento e comportamentos do autor. Especialmente considerando o caráter especialmente autobiográfico de muitos aspectos de *Howards End*, não seria de estranhar uma grande identificação de Forster com o modo de colocar-se diante da realidade da irmã mais velha dos Schlegel. Mas esta discussão, bem mais ampla, implicaria investigar mais profundamente um homem que, em seus mais de 90 anos de idade, preferiu queimar parte de seus arquivos pessoais e manteve sua vida interior menos conhecida do que muitos gostam de supor, extrapolando também o objeto desta pesquisa.

Quanto a Margaret Schlegel, ela se apresenta na obra como bastante imersa em discussões liberais de seu tempo. Talvez um dos tópicos mais claramente defendidos por Margaret é a questão da participação feminina na vida pública, em discussões sobre assuntos diversos, como literatura e arte, nas esferas de decisão e, mais especificamente, o sufrágio feminino, a possibilidade das mulheres votarem e decidir sobre seus representantes no parlamento. Certamente sua expressividade em relação a estes tópicos se reduz, estrategicamente, após o enlace com Henry Wilcox, mas nada indica que ela tenha alterado seu modo de pensar a respeito. O que se vê, eventualmente, é ela abstendo-se de exteriorizar seu pensamento a respeito, aparentemente para evitar confrontos maiores em seu novo contexto.

Um objeto central em suas reflexões na obra são as formas de lidar com as desigualdades de condições na sociedade, percebendo tanto o abismo entre os pobres e os de sua condição como também os limites quanto às efetivas condições de promover mudanças capazes de incluir

⁷⁴ No original: “For a time she seems to be shrinking under the pressure of Wilcox's moral obtuseness, but she survives because of her openness to experience and her ability to respond in personal terms”. Tradução e adaptação próprias.

os desafortunados na vida mais plena que seus amigos intelectuais e artistas queriam supor ser acessível a todos e todas. Se Helen tem mais esperanças neste sentido, Margaret parece ser representada com uma visão mais realista, crua, quanto às barreiras existentes. Certamente algo de sua visão, que acaba sendo partilhada pelo narrador e por outros personagens, reflete a percepção exposta na ‘questão da condição inglesa’, especialmente nos desenvolvimentos no tempo imediatamente anterior à consolidação da obra. Mencione-se aqui a publicação da importante obra de Masterman (1909) a respeito, com a grande repercussão que teve à época (SILLARS, 1999, p.55 passim). Mas Margaret, se partilha do diagnóstico, não concorda com o modo de reação mais contestatória que Masterman encaminha. Ela busca caminhos através da confluência de perspectivas diversas. Uma perspectiva anti-autoritária parece subjacente às formas de encaminhamento adotadas pela personagem ao enfrentar situações agudas. Aqui também a perspectiva mooriana em relação às condutas parece transparecer.

Em relação às condutas especificamente femininas e masculinas, como já observado acima ela é bastante mais aberta do que seu contexto de moral Vitoriana, mas ela não aborda diretamente estes tópicos, apenas reage de forma mais acolhedora e solidária, sendo possível perceber que não é movida por pudores. Elizabeth Langland (1995) expressou já em detalhe a forma liberal de colocar-se diante destas questões. Ela parece partilhar uma perspectiva próxima à do grupo de Bloomsbury quanto à sexualidade, aludindo a uma comunhão com outras mulheres, mas nada além da amizade e da identificação é perceptível em sua caracterização na obra. Note-se ainda que a afinidade que se desenvolve com a sra. Ruth Wilcox inclui também um laço profundo com seu romanticismo alemão, também ligado à fruição da natureza. Note-se que ambas conhecem-se quando em viagem na Alemanha, de onde os Schlegel também têm raízes, e sua proximidade aumenta nos contatos que desenvolvem em Londres, após o estremecimento entre as famílias em virtude da aproximação e afastamento de Helen e Paul. A sensibilidade da matriarca, sua forma intuitiva e amorosa de resolver conflitos e tensões, suas relações fortes com os valores rurais da Inglaterra e sua doçura aproximam estas mulheres tão diferentes em relação ao espaço da mulher na sociedade. Margaret, como Ruth, se mostra boa ouvinte, receptiva, capaz de perceber as dificuldades da outra parte, sensível para as necessidades alheias. A relação com a sra. Ruth e com Helen, mulheres tão diferentes, mostra dimensões da capacidade dialógica de Margaret que a fazem uma personagem quase idealizada, mooreana, sempre em busca do bem, da qualidade nas relações pessoais, na capacidade de ater-se ao lado belo da vida e de viver com generosidade a alegria de cada instante.

2.2.6. O sentido do desafio de “only connect”

No romance *Howards End* e no liberalismo humanista a busca por conexão entre opostos, complementares, diversos é fundamental. O romance nasce desta perspectiva, com a leitura de um trecho de Walt Whitman. Diversas pesquisas têm mostrado o quanto a busca de construir uma convivência mais tolerante e dialógica abrangem inúmeros aspectos da composição desta obra. Desde o epítáfio, passando pelas escolhas narrativas visando construir uma forma respeitosa de ‘costurar’ visões aparentemente díspares para compor um todo mais democrático, pluralista, aberto à diversidade, integrador, capaz de subverter as armas em arados, a beligerância e o autoritarismo em respeito e amizade respeitosa das diferenças.

O pesquisador Lubenow (2015) traça uma visão retrospectiva da intelectualidade no século XIX, atribuindo às contribuições e ao espírito de cooperação de pequenos grupos de pesquisa espalhados pela Grã-Bretanha muito do desenvolvimento científico e cultural à época, sendo responsáveis mais do que as universidades pela inovação neste âmbito. Ele nomeia sua pesquisa sobre o tema “Only Connect”, fazendo referência ao espírito de regia estes grupos de estudos. Ora, estes grupos foram também importantes para Forster, e é ali que se gesta, em sua perspectiva, a mudança do mundo para melhor. Ele acredita numa ‘aristocracia intelectual’ que seja capaz de contribuir para este processo.

Mark Hopwood (2016) apresenta uma definição inovadora para o “Only connect” de Forster. Ele considera que “conectar é acertar-se com a própria corporeidade”⁷⁵ (HOPWOOD, 2016, p. 399). Sem dúvida, a angústia com uma vida e uma sociedade fragmentadas, divididas, esgarçadas, coloca-se como contraponto deste desafio à conexão, à integração, ao diálogo transformador de ambas as partes. Mas, como desenvolve Hopwood, também é fundamental, para nosso contato com o mundo, que sejamos capazes de nos auto-reconhecer neste processo de interação com o mundo. Conectar-se a si mesmo, com nossas disparidades internas, reconhece-las e saber lidar com elas é muito importante para que possamos construir um conhecimento de nós mesmos e do mundo que seja capaz de construir a paz e o entendimento. A busca pela vida interior é a base para nossa conexão com o mundo e a sociedade em sua alteridade.

⁷⁵ No original: “to connect is to come to terms with one’s own embodiment”. Tradução própria.

CONCLUSÃO

Diante das considerações acima, concluo que a personagem Margaret Schlegel incorpora uma série de características e situações vivenciadas por outras personagens com irmãs da literatura inglesa precedente, especialmente do final do século XIX, mas modifica profundamente a forma de abordar a condição feminina e sua relação com outras mulheres e homens, em especial com a irmã Helen. Margaret busca estabelecer uma conexão profunda e respeitosa com outras mulheres, reconhecendo seu modo diverso de ver o mundo, suas extravagâncias ideológicas, mas deixando indicações de seu próprio posicionamento a respeito de tópicos mais controversos. A personagem pode, de fato, aludir ao modo de ser de Virgínia Woolf (com sua irmã Vanessa), como muitos consideram, mesmo que o autor não tenha tido consciência dessas afinidades e tenha focado em outras irmãs. Ao mesmo tempo, Margaret parece, conforme biógrafos e comentaristas, dar voz a Forster de várias maneiras.

A personagem, como vimos, parece estar no centro de um grupo de discussões muito assemelhado ao de Bloomsbury, formado por pessoas amigas que se interessavam por diversos assuntos relacionados sobretudo à literatura e à arte, que partilhavam um certo ideário progressista, com visões variadas, partilhando certo nível cultural melhor informado e financeiramente independentes. As discussões e explicações sobre posturas diversas desses amigos de Margaret deixam entrever muito do que era o grupo de Bloomsbury e sua interação com outros ideários, inclusive colocando à vista idiossincrasias e aspectos curiosos de tendências vigentes à época. O narrador, ao acompanhar o leitor através de encontros e desencontros nesse *milieu*, expõe mais claramente esses aspectos, deixando entrever um autor atento a novos horizontes, mas também a limites e contradições de várias dessas formas vanguardistas de colocar-se no mundo. Sim, Margaret está em sintonia com estes modos de pensar, mas não assume as bandeiras e causas à sua disposição. Seu compromisso, antes de tudo, é com as pessoas queridas, amigos, irmãos.

As relações pessoais, tão valorizadas pela porção do pensamento ético de Moore que permeou o grupo de Bloomsbury e, como vimos, também a Forster pessoalmente, são explicitamente mencionadas e defendidas por Margaret, inclusive com custo pessoal. Mas nem Margaret, nem Forster, nem o grupo de Bloomsbury se comprometem com o escopo maior da filosofia de Moore para muito além disso. O que tem valor intrínseco segue o parâmetro oferecido por Moore na parte final de sua obra, escrita, como o filósofo mesmo relata, em boa medida através de um então grande amigo de Forster, Meredith. Moore tinha uma visão algo

conservadora com relação aos costumes, mesmo tendo sido revolucionário por descolar-se de valores fixos e por valorizar a amizade, as relações pessoais e a contemplação estética. Esta visão mais humana e estética de seu liberalismo, destacada no contexto de então pelo capítulo final de *Principia Ethica*, divergia de posições liberais que se afirmavam naquele contexto, e que viabilizavam a exploração lucrativa das colônias e dos trabalhadores assalariados de então. As posições liberais em favor da caridade para casos isolados, também consideradas quando se discute como ajudar pessoas como Leonard Bast, são expostas pelo autor em sua fragilidade diante da amplitude e complexidade dos problemas e das severidades da realidade do trabalho assalariado em contexto urbano. Forster parece deixar clara a insuficiência desta caridade em relação aos pobres (ou à classe média baixa) em questão. A falta de compromisso com estas pessoas de outro estamento, que em sua vulnerabilidade, no caso dos Bast, comoveu Helen, não é capaz de mobilizar Margaret. Aqui parece ser interesse do autor chamar a atenção do leitor para a dureza de coração das classes altas, incapazes de uma empatia qualificada por pessoas da condição dos Bast. Margaret não consegue conectar-se verdadeiramente aos Bast. Este liberalismo que não se responsabiliza pelas tragédias de vida de seus concidadãos, mesmo tendo certa culpa no desenlace de seus infortúnios, parece ser aqui denunciado. Este mesmo liberalismo também está por trás da destruição urbana e social promovida pelas vagas do interesse imobiliário, igualmente em nome de maiores lucros e sem importar-se com as vidas e histórias envolvidas nas moradias de que eram despejados seus ocupantes. O narrador menciona *an passant* as barreiras policiais para fazer frente às paralizações e manifestações de descontentamento social no centro de Londres, algo que nem é muito comentado e até se mescla ao burburinho consumista das compras de natal, mas que dá visibilidade a condições de vida e trabalho que castigam os moradores da capital e à busca por equacionar esta situação através de manifestações e movimentos sociais. Forster parece colocar seu público leitor diante de um espelho, valendo-se de escusas ineptas de seus personagens para ressaltar o egoísmo indesculpável e prevalente das elites, mesmo entre os grupos mais socialmente conscientes daqueles tempos. Mas ele o faz de forma discreta, sem levantar bandeiras ou fazer acusações explícitas. Ele apenas vai mostrando a realidade em sua singela crueza pelo que acontece, pelos comentários das pessoas ou do narrador.

Vimos também que Margaret é apresentada na obra de forma quase idealizada. Assim como outras irmãs desde Jane Austen, ela é responsável, empática, capaz de ver além do momento presente, moralmente íntegra, enfim, fica com a parte difícil da estória. Mas além disso ela é uma cidadã mulher consciente de suas possibilidades, sufragista, atenta às diversas

maneiras propostas de vida em sociedade, alguém que valoriza as amizades, as relações pessoais, as artes. Ela sabe participar das discussões de seu tempo no âmbito da cultura e da vida em sociedade, conhece outras culturas e países. Mas também sabe conviver com pessoas de visões mais conservadoras, como a Sra. Ruth Wilcox ou sua tia Maunt. E, mesmo sem estar feliz com esta situação, ela é capaz de condescender em algumas situações para evitar transtornos maiores para sua própria vida, como Forster deixa claro ao apresentar a convivência de Margaret com o sr. Wilcox após o casamento. Ela não parece ser uma mulher plenamente realizada ao longo da obra. Faz escolhas dentro de suas possibilidades e interesses. Aqui parece transparecer certo ceticismo de Forster em relação às uniões matrimoniais. Ainda assim, Margaret é apresentada como aquela que conduz as situações para um bom desenlace. Não teme dar fim a seu casamento se não puder permanecer fiel às suas relações pessoais mais caras. Obviamente o sr. Wilcox não tinha essa prioridade em sua vida. A energia com que ela se coloca diante do patriarca é notável, certamente incomum para seu tempo. Há aqui um novo tipo de mulher britânica que, mesmo fazendo concessões, estabelece um novo e mais saudável destino a seu contexto social. Isso posto, parece que Margaret e seu ideário são uma proposição de mulher para seu tempo, e para superar os limites de seu tempo. A personagem parece ter consciência de seus limites culturais e de sua situação no mundo e no tempo. Ela não escapa de acomodar-se e errar em alguns momentos, mas faz suas escolhas com liberdade e assume responsabilidade por suas opções.

Em relação ao desafio do “Only connect”, não há como dissociá-lo de Margaret, pois esta é “toda a sua pregação” (FORSTER, 1989a, p.188). Mas vimos que há várias interpretações possíveis. Ao epigrafar a obra, o autor manifesta certamente um desejo de que se façam confluir as diversidades, que se complementem as diferenças, e este é, certamente, o aspecto propositivo mais relevante da obra, ainda que, ao mesmo tempo, o mais ambíguo. Certamente esta noção enraíza-se e se expressa no cuidado pelas relações pessoais, fruto da perspectiva ética de G. E. Moore. Não se trata de acomodar situações indignas, autoritárias, ou submeter-se, mas de caminhar para uma dignidade compartilhada, não subjugada. Trata-se de um apelo a uma forma de viver que une o sujeito a outras pessoas, à realidade, à beleza, a si mesmo. Margaret alude a posturas, expressões, perspectivas, dimensões aparentemente opostas e contraditórias que são convidadas a perceberem-se como complementares, integráveis, e juntas construir novas e mais felizes realidades. Também o narrador tenta fazer confluir pontos de vista divergentes, mas não pelo viés do autoritarismo, mas submetendo os meios aos verdadeiros fins, que devem ser abrangentes, amplos, incluindo a dignidade da vida humana e os desprezados por esta sociedade

que tanto busca a eficiência e o lucro. A conexão que Margaret propõe não é um acordo de cavalheiros, um entendimento de que não se pode ter tudo e há custos desagradáveis, mas é uma conexão que valoriza a vida humana, tem os seres humanos e a qualidade de suas relações entre si e com a natureza como centro.

A elaboração desta pesquisa deixa claro que ainda há muitas conexões a aprofundar em relação ao trabalho ficcional de Edward Morgan Forster em geral e sobre *Howards End* em particular. Mas sobretudo ainda há espaço para pesquisar mais sobre a personagem Margaret Schlegel e sua busca por num mundo que seja capaz de construir pontes mesmo percebendo a profundidade dos abismos.

REFERÊNCIAS

- A CAMBRIDGE Secret Revealed: the Apostles. 2011. Página de exposição temática online do Kings College sobre o Grupo denominado Apóstolos de Cambridge. Disponível em: <https://www.kings.cam.ac.uk/archive-centre/online-resources/online-exhibitions/a-cambridge-secret-revealed-the-apostles>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- AGUIAR, Alexandre Menezes de. Conflitos de classes sociais na Inglaterra no século XX: Baseado na obra cinematográfica *Howards End*. In: **Ethos & Episteme**: Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB, ano 9, nr.18, jul-dez, 2013, p.111-120.
- AGUIAR, Alexandre Menezes de. **Mudanças e transições na Inglaterra no século XX em *Howards End*, de E. M. Forster**. Orientador: Lajosy Silva. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Estudos Literários, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4651> . Acesso em: 12 mar. 2022.
- AGUIAR, Alexandre Menezes de; FLORES, Fluvio Torres. Representações do protagonismo feminino em *Howards End*, de E. M. Forster. In: **Acta Scientiarum Language and Culture**, 2017, vol. 39, n.3, p.313-320. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/32175/pdf>
- AGUIAR, Alexandre Menezes de; SILVA, Lajosy. Os conflitos de classes sociais na sociedade inglesa do século XX em *Howards End* de E. M. Forster. Manaus, Amazonas: **Revista Folhas**, v. 2, p. 205 - 220, 28 jun. 2014.
- AGUIAR, Alexandre Menezes de. As dificuldades enfrentadas pelos proletários da sociedade inglesa do século XX em *Howards End* de E. M. Forster. **Revista Folhas**, v. 2, p. 93 - 104, 27 jun. 2016.
- AMUR, G. S. Hellenic Heroines and Sexless Angels: Images of Women in Forster's Novels. In: Vasant A. Shahane (ed.), **Approaches to E. M. Forster**: A Centenary Volume. Nova Delhi: Arnold Heinemann, 1981, pp. 24–34.
- ARMSTRONG, Paul B. Liberalism and the politics of form: the ambiguous narrative voice in *Howards End*. In: Idem. **Play and the politics of reading**: the social uses of modernist form. Cornell University Press, 2005, p. 109-126.
- ARMSTRONG, Paul B. E. M. Forster's "Howards End": The Existential Crisis of the Liberal Imagination. In: **Mosaic**: An Interdisciplinary Critical Journal , FALL 1974, Vol. 8, No. 1, Literature and ideas: the creative element in literature and the arts (fall 1974), pp. 183-199.
- ARNOLD, Matthew; GARNETT, Jane (ed.), **Culture and Anarchy**. Edited with an Introduction and Notes by Jane Garnett. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.
- ARNOLD, Matthew; QUILLER-COUCH, Arthur Thomas (ed.). **The Poems of Matthew Arnold, 1840-1867**: with an introduction by Sir Arthur Quiller-Couch. Londres: Oxford University Press, 1922.

- ATTRIDGE, John. Posing as Pastoral: The displacement of the “very poor” in *Howards End*. In: **Language and Literary Studies of Warsaw**, nr.10. Varsóvia: University of Warsaw, 2020, p.97-118.
- BACKHOUSE, Roger E.; BATEMAN, Bradley W. (eds.) **The Cambridge Companion to Keynes**. Cambridge: CUP, 2006.
- BEAUMAN, Nicola. **Morgan**: A biography of E. M. Forster. Londres: Sceptre, 1993.
- BEAUMAN, Nicola. Forster, Edward Morgan (1879–1970), novelist and essayist. In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford University Press: Oxford, 28 set. 2006. Acesso em 8/7/2023. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-33208>>
- BENEGIAMO-CHILLA, Alessia. **Narrative Truth in Bloomsbury’s Novels and Biographies**. Heidelberg: Neuphilologischen Fakultät der Ruprecht-Karls-Universität, 2022. (Tese). Disponível em: <https://archiv.ub.uni-heidelberg.de/volltextserver/31566/> Acesso em 5 set. 2023.
- BRADBURY, Malcolm (ed.). **Forster**: A collection of critical essays. Engelwood Cliffs: Prentice Hall, 1966.
- BRADBURY, Nicola. Dickens’s Use of the Autobiographical Fragment. David Paroissien (ed.). **A Companion to Charles Dickens**. Oxford: Blackwell Publishers, 2008, p. 18-32
- BRADSHAW, David. *Howards End*. In: Idem (ed.). **The Cambridge Companion to E. M. Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.151-172.
- BRADSHAW, David. Introduction. In: Idem (ed.). **The Cambridge Companion to E. M. Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.1-7.
- BRADSHAW, David (ed.). **The Cambridge Companion to E. M. Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BROWN, Sarah Annes. **Devoted Sisters**: Representations of the sister relationship in nineteenth-century British and American literature. Ashgate: Aldershot and Burlington, 2003.
- CHILDERS, Joseph W. Industrial culture and the Victorian novel. In: Deirdre David (ed.). **The Cambridge Companion to the Victorian Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 77-96.
- COBLEY, Evelyn. **Modernism and the Culture of Efficiency**: Ideology and Fiction. Toronto: University of Toronto Press, 2009.
- COCKRAM, Gill G. Introduction. In: Idem. **Ruskin and Social Reform: Ethics and Economics in the Victorian Age**. Londres: I. B. Tauris, 2007, p.1-12. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5040/9780755622221.ch-001> Acesso 14 fev. 2023.

- CREWS, Frederick Campbell. **E. M. Forster**: The perils of humanism. Princeton: The Princeton University Press, 1962.
- DAS, G. K.; BEERS, John (eds.). **E. M. Forster**: a human exploration. Londres: MacMillan, 1979.
- DAVID, Deirdre (ed.). **The Cambridge Companion to the Victorian Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DICKENS, Charles; SANDERS, Andrew; BURGIS, Nina (ed.). **David Copperfield**. Edited by Nina Burgis with an introduction and notes by Andrew Sanders. Oxford World Classics. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DICKINSON, Goldsworthy Lowes. Noise that you pay for. **The Independent Review**. August 1904, pp. 377-390.
- DOWLING, David. **Bloomsbury aesthetics and the novels of Forster and Woolf**. Londres e Basingstoke: The Macmillan Press, 1985.
- EBBATSON, J. R. The Schlegel's Family Tree. In: **English Literature in Transition: 1880-1920**, vol. 18, nr.3, 1975, p.195-201.
- FORSTER, E. M. **What I Believe**. London: The Hogarth Press, 1939.
- FORSTER, Edward Morgan. **Howards End**. Edited by Oliver Stallybrass. Londres: Penguin, 1989. (1989a).
- FORSTER, Edward Morgan. **The Longest Journey**. Edited with an introduction and notes by Elizabeth Heine. Londres: Penguin, 1989. (1989b).
- FORSTER, Edward Morgan. **Howards End**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Globo, 2006.
- FORSTER, Edward Morgan; LEGG, L. G. Wickham (ed.). **Goldsworthy Lowes Dickinson**. London: Edward Arnold, 1934. 277 páginas.
- FORSTER, Edward Morgan. How I Lost My Faith. **The Humanist**, vol. 78, 1963, p.[_263_]
- FORSTER, Edward Morgan. How I Lost My Faith: A presidential address to the Cambridge Humanists – Sommer 1959. In: E. M. Forster; P. N. Furbank (ed.). **The Prince's Tale and other uncollected writings**. The Abinger Edition of E. M. Forster, vol.17. Londres: André Deutsch, 1998, p.310-319.
- FORDONSKI, Krzysztof. Adaptation, Inspiration, Dialogue: E. M. Forster and his oeuvre in contemporary culture. In: **Language and Literary Studies of Warsaw**, nr.10. Varsóvia: University of Warsaw, 2020, p. 29-33.
- FORDONSKI, Krzysztof. The State of E. M. Forster Scholarship after the Year 2000. In: **Polish Journal of English Studies**, vol. 3, nr. 2, 2017, p.63-79.

- FRIZERO, Robertson. **Arte da ficção: autor intrometido**. 2022. Aborda o autor ou narrador intrometido. Disponível em: <https://www.frizero.com.br/2022/08/07/arte-da-ficcao-autor-intrometido/>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- FURBANK, Philip Nicolas. The Philosophy of E. M. Forster. In: Judith Sherer Herz e Robert K. Martin (eds.). **E. M. Forster: Centenary Revaluations**. Londres e Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1983, p. 37-51.
- FURBANK, Philip Nicolas. **E. M. Forster: A life**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- GASIOREK, Andrzej. 'A renewed sense of difficulty': E. M. Forster, Iris Murdoch and Zadie Smith on ethics and form. In: David James (ed.) **The Legacies of Modernism: Historicising Postwar and Contemporary Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 170-186.
- GIBSON, Mary Ellis. Illegitimate Order: Cosmopolitanism and Liberalism in Forster's *Howards End*. **English Literature in Transition, 1880-1920**, Volume 28, Number 2, 1985, pp. 106-123.
- GILLIE, Christopher. **A preface to Forster**. Harlow e Nova York: Longman, 1983.
- GOLDMAN, Jane. Forster and Women. In: David Bradshaw (ed.). **The Cambridge Companion to E. M. Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.120-137.
- GOLDMAN, Mark. **The Reader's Art: Virginia Woolf as Literary Critic**. Paris: Mouton, 1976.
- GONDIM, Hamilton Cezar Gomes. **O tratamento das proposições em G. E. Moore: consequências e aporias no âmbito moral**. Orientador: Marconi José Pimentel Pequeno. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5652/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- GÖRMÜLÜ, Özlem. **The enigma about E. M. Forster as a humanist: An encomium of human values in his Edwardian novels**. Esmirna: Universidade Dokuz Eylül, 2004.
- GRAHAM, Kenneth. The Forster Angle. In: **Indirections of the Novel: James, Conrad, and Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 154-204.
- HARRISON, Bernard. Forster and Moore. In: **Philosophy and Literature**, vol. 12, n. 1, abril 1988, p.1-26.
- HERBERT, John Richard James. **A revaluation of E. M. Forster's fiction**. Birmingham: University of Birmingham, 2012.
- HERZ, Judith Scherer; MARTIN, Robert K. (eds.). **E. M. Forster: Centenary revaluations**. Londres e Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1983.
- HIRAI, Masako. **Sisters in Literature: Female Sexuality in *Antigone*, *Middlemarch*, *Howards End* and *Women in Love***. Londres: MacMillan, 1998.

- HOBHOUSE, L.T. **Liberalism**. Londres: Wiliams & Norgate, 1910.
- HOPWOOD, Mark. Only connect: Moral judgment, embodiment, and hypocrisy in Howards End. In: **Philosophy and Literature**, vol. 40, n. 2, out, 2016, p.399-414.
- HOWARD, Ben. To see life steadily and see it whole. **One Time, One Meeting**: The Practice of Zen Meditation. Blog. Publicado em 21 jul. 2018. Disponível em: <https://practiceofzen.com/2018/06/21/to-see-life-steadily-and-see-it-whole/> Acesso em 14 fev. 2023.
- HOY II, Pat C. The Narrow, Rich Staircase in Forster's Howards End. **Twentieth Century Literature**, Summer-Autumn, 1985, vol. 31, nr. 2/3, E. M. Forster Issue (Summer - Autumn, 1985), pp. 221-235
- HUGHES, Linda K. Madge and Clara Hopgood: William Hale White's Spinozan Sisters. In: **Victorian Studies**, vol.18, n.1, 1974, p.57-75.
- KAWAGUCHI, Yoshihisa. Personal Relationships in Howards End. In: **Osaka Literary Review**, vol. 16, p. 59-72, 1977. Disponível em: <https://ir.library.osaka-u.ac.jp/repo/ouka/all/25653/OLR16-059.pdf> Acesso em: 8 out. 2022.
- KERMODE, Frank. Another Mother. **London Review of Books**, vol. 15, n. 13, mai 1993. Disponível: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v15/n09/frank-kermode/another-mother> Acesso em: 3 ago. 2023.
- KERMODE, Frank. **Concerning E. M. Forster**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.
- KEYNES, John Maynard. My Early Beliefs. In E. Johnson; D. Moggridge (Eds.), **The Collected Writings of John Maynard Keynes**. Cambridge: Royal Economic Society, 1978, p. 433-451. doi:10.1017/UPO9781139524230.045
- KILIÇ, Mine Özyurt. **Maggie Gee**: writing the condition-of-England novel. Londres: Bloomsbury, 2013.
- LAGO, Mary. **E. M. Forster**: A literary life. Londres: Macmillan, 1995.
- LAGO, Mary; FURBANK, Philip Nicholas (eds.). **Selected letters of E. M. Forster**. Volume One: 1897-1920. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1983.
- LAGO, Mary; FURBANK, Philip Nicholas (eds.). **Selected letters of E. M. Forster**. Volume Two: 1921-1970. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1985.
- LANGLAND, Elizabeth. Gesturing towards an open space: Gender, form and language in Howards End. In: Jeremy Tambling (ed.). **E. M. Forster**: Contemporary Critical Essays (New Casebooks). Hampshire: Macmillan, 1995, p. 81-99.
- LECOURT, Sebastian. Matthew Arnold and the Institutional Imagination of Liberalism. **Victorian Literature and Culture**, vol. 49, nr. 2, summer 2021, pp. 361-375.
- LEVIN, Michael. **The Condition of England Question**: Carlyle, Mill, Engels. Springer, 1998.

- LEVY, Paul. **Moore**: G. E. Moore and the Cambridge Apostles. Nova Yorque: Holt, Rinehart and Winston, 1979.
- LINSCOTT, James Alfred. **Voices from the margins**: an analysis of the cultural politics of E. M. Forster's fiction. Pietermaritzburg, University of Natal, 2002. (dissertação)
- LODGE, David. **A art da ficção**. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LUBENOW, William C. **The Cambridge Apostles, 1820-1914**: Liberalism, Imagination, and Friendship in British Intellectual and Professional Life. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- LUBENOW, William C. **Liberal Intellectuals and Public Culture in Modern Britain, 1815–1914**: Making Words Flesh. Woodbridge: The Boydell Press, 2010.
- LUBENOW, William C. **“Only Connect”**: Learned Societies in Nineteenth-Century Britain. Woodbridge: Boydell Press, 2015.
- MASTERMAN, C. F. G. **The Condition Of England**. Londres: Methuen & Co., 1909
- McDOWELL, Frederick P. W. **E. M. Forster**. Boston: Twayne Publishers, 1969.
- MEDALIE, David. **E.M. Forster’s modernism**. Londres: Palgrave Macmillan, 2002.
- MEDALIE, David. Bloomsbury and other values. In: David Bradshaw (ed.). **The Cambridge companion to E. M. Forster**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 32-46.
- MOORE, George Edward; SHAW, William H. (ed.). **Ethics**: the nature of Moral Philosophy. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- MOORE, George Edward. **Principia Ethica**. Londres: Cambridge University Press, 1929.
- MOORE, George Edward. **Principia Ethica**. Tradução Maria Manuela Rocheta Santos e Isabel Pedro dos Santos. Coimbra: Fundação Calouste Gulbekian, 1999.
- MOORE, George Edward. An Autobiography, in: Paul Arthur Schlipp (ed.). **The Philosophy of G. E. Moore**. Evanston e Chicago: Northwestern University, 1942, p.1-39.
- MORGAN, Susan. **Sisters in time**: imagining sisters in nineteenth century British fiction, Oxford: Oxford University Press, 1989.
- NOZEN, Seyedeh; AMANI, Bahman; ZIYARAT, Fatemeh. Blooming of the novel in the Bloomsbury Group: an investigation to the impact of the members of Bloomsbury Group on the composition of the selected works of Virginia Woolf and E. M. Forster. **International Journal of Applied Linguistics and English Literature**, vol. 6, nr.7, 2017, p.323-331. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7575/aiac.ijalel.v.6n.7p.323>. Acesso em 2 fev. 2023.
- ORMIERES, Geraldo José. **A noção de Bem em G. E. Moore**: problemas sobre conhecimento e intuição. Orientador: Oswaldo Giacóia Júnior. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas,

- Campinas, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=495498> Acesso em 11 fev. 2023.
- PAGE, Norman. **E. M. Forster**. Houndmills: Macmillan, 1987. (Macmillan Modern Novelists)
- PARK, Yeajung. The Linguistic Architecture of E. M. Forster's Howards End. In: **SNU English Studies**, vol.33, Seul: Seul National University, 2013, p.37-52. Disponível em: https://s-space.snu.ac.kr/bitstream/10371/81466/1/03_Yea%20Jung%20Park.pdf Acesso em 8 out. 2022.
- PUSCHMANN-NALENZ, Barbara. David Medalie, 2002. E. M. Forster's Modernism (Houndmills: Palgrave). **Polish Journal of English Studies**, 2017, vol. 3, nr. 2, p. 81-86. (review)
- ROSECRANCE, Barbara. **Forster's Narrative Vision**. Ítaca e Londres: Cornell University Press, 1982.
- ROSENBAUM, Stanford Patrick. *The Longest Journey*: E. M. Forster's Refutation of Idealism. In: DAS, G. K.; BEERS, John (eds.). **E. M. Forster**: a human exploration. Londres: MacMillan, 1979, p. 32-54.
- ROSENBAUM, Stanford Patrick. **Victorian Bloomsbury**: the early literary history of the Bloomsbury Group. Volume 1. Nova Yorque: Palgrave MacMillan, 1987.
- ROSENBAUM, Sanford Patrick. **Edwardian Bloomsbury**: The Early Literary History of the Bloomsbury Group Volume 2. Londres: Palgrave MacMillan, 1994.
- ROSENBAUM, Sanford Patrick (ed.). **The Bloomsbury Group**: a collection of memoirs and commentary. Revised edition. Toronto: University of Toronto Press, [1975] 1995.
- ROSENBAUM, Sanford Patrick. **Georgian Bloomsbury**: The Early Literary History of the Bloomsbury Group 1910–1914. Volume 3. Nova Yorque: Palgrave MacMillan, 2003.
- ROSENBAUM, Stanford Patrick; HAULE, James M. (eds.). **The Bloomsbury Group Memoir Club**. Londres: Palgrave McMillan, 2014.
- SARKER, Sunil Kumar. Howards End. In: Idem. **A companion to E. M. Forster**. New Delhi: Atlantic, 2007, vol. 2, p. 572-675.
- SARKER, Sunil Kumar. **A companion to E. M. Forster**. 3 vols. Nova Delhi: Atlantic, 2007.
- SILLARS, Stuart. **Structure and Dissolution in English Writing, 1910–1920**. Nova Iorque: St. Martin's Press. 1999.
- SILVA, Lajosy. Educação e Patriarcado Protestante em Maurice, de E. M. Forster. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 33, p. 103-120, 2007. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8596/7999>. Acesso em: 28 ago. 2023.

- SIMMONS Jr.; James Richard. Industrial and “Condition of England” Novels. In: Patrick Brantlinger and William B. Thesing (eds.). **A companion to the Victorian novel**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 336-352.
- SOUZA, José Ailson Lemos de. **Sobre o espaço em Howards End**: A reescritura do romance de E. M. Forster no cinema. São Paulo: Pimenta, 2021. 140p.
- SCOURFIELD, J. H. D. Re-Orienting E. M. Forster: Texts, contexts, receptions. The Cambridge Forster Conference 2020. In: **Language and Literary Studies of Warsaw**, n. 10. Varsóvia: University of Warsaw, 2020, p.323-333.
- SCHLIPP, Paul Arthur (ed.) **The philosophy of G. E. Moore**. Evanston: Chicago University Press, 1942.
- SCHWARZ, Daniel R. **The transformation of the English Novel, 1890-1930**: studies in Hardy, Conrad, Joyce, Lawrence, Forster and Woolf. 2ª ed. Londres: Macmillan, 1995.
- SCHWARZ, Daniel R. The originality of E. M. Forster. In: Idem. **The transformation of the English Novel, 1890-1930**: studies in Hardy, Conrad, Joyce, Lawrence, Forster and Woolf. 2ª ed. Londres: Macmillan, 1995, p. 116-138.
- SIDORSKY, David. The uses of the philosophy of G. E. Moore in the works of E. M. Forster. In: **New Literary History**, vol 38, n. 2, 2007, p.245-271.
- SMITH, H. A. Forster’s humanism and the nineteenth century. In: Malcolm Bradbury (ed.). **Forster**: A collection of critical essays. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966. p.106-116.
- SMITH, Grahame. The life and times of Charles Dickens. In: John O. Jordan (ed.). **The Cambridge Companion to Charles Dickens**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 1-15.
- SOUZA, José Ailson Lemos de. *Howards End Segundo as Traduções Brasileiras*. **Cultura e Tradução** (João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Online), v. 1, n. 1, p. 1-10, 2011.
- SOUZA, José Ailson Lemos de. A adaptação de Howards End no Contexto do Cinema Britânico. **Inventário** (Universidade Federal da Bahia. Online) , v. 8, p. 1-11, 2011.
- STAPE, J. H. **An E. M. Forster chronology**. Londres: Palgrave Macmillan, 1993.
- STALLYBRASS, Oliver. Editor’s Introduction. In: E. M. Forster. **Howards End**. Londres: Penguin, 1989, p. 7-17.
- STOCK, Irvin. **William Hale White (Mark Rutherford)**: A critical study. Londres: George Allen and Unwin, 1956.
- STONE, Wilfred; FORSTER, Edward Morgan. Some Interviews with E. M. Forster, 1957-58, 1965. **Twentieth Century Literature**, vol. 43, nr. 1, (Spring) 1997, pp. 57-74.

- SULLIVAN, Dick. Matthew Arnold and the Twenty-first Century. Disponível em: <https://victorianweb.org/authors/arnold/sullivan.html> Site The Victorian Web, 13 jul. 2008. Acesso em 14 fev. 2023.
- TAMBLING, Jeremy (ed.). **E. M. Forster**: Contemporary critical essays (New Casebooks). London: Macmillan, 1995.
- TRILLING, Lionel. Foreword. In: Irvin Stock. **William Hale White (Mark Rutherford)**: a critical study. Londres: Allen and Unwin, 1956.
- TRILLING, Lionel. **E. M. Forster**. Londres: Hogart Press, 1944.
- THE Apostels, up to 1930. [20--]. Página de exposição temática online do Kings College sobre o Grupo denominado Apóstolos de Cambridge. Disponível em: <https://www.kings.cam.ac.uk/archive-centre/the-apostles-up-to-1930>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- THOMPSON, Aselda Josefa. **Relationships: The idea of connection in the novels of E. M. Forster**: Tracing the influence of G. E. Moore. College Station, Texas: Texas A&M University, 1994.
- VANDE VYVERE, J. L. The Mediatorial Voice of the Narrator in EM Forster's "Howards End". **The Journal of Narrative Technique**, v. 6, n. 3, p. 204-216, 1976.
- VENKATESWARAN, S.; KALA, Shashi. Liberal humanism of E. M. Forster with special reference to Howards End. In: **Literary Endeavour**, vol. 7, n. 3, jul, 2016, p.34-39.
- WAINWRIGHT, Valerie. Howards End and the Confession of Imperfection. In: **Ethics and the English Novel from Austen to Forster**. Hampshire: Ashgate, 2007, p.161-181.
- WATT, Donald J. G. E. Moore and the Bloomsbury Group. In: **English literature in transition**, vol. 12 n. 3, 1969. p. 119-134. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/366465> Acesso em 28 set. 2022.
- WHEELER, Michael. **English Fiction of the Victorian Period, 1830-1890**. 2ª ed. Londres e Nova Iorque: Longman, 1994.
- WHITEHOUSE, John Howard (ed.). **Ruskin the Prophet and Other Centenary Studies**. Londres: George Allen & Unwin Ltd, 1920.
- WILD, Jonathan. The Friends and patrons of Leonard Bast: Liberal anxiety and the Edwardian clerk. In: **The rise of the office clerk in literary culture, 1880–1939**. New York: Palgrave Macmillan, 2006. p.101-122.
- WOOLF, Leonard. **Sowing**: an autobiography of the years 1880 to 1904. Londres: The Hogart Press, 1960.
- WRIGHT, Anne. **Literature of Crisis, 1910–1922**: Howards End, Heartbreak House, Women in Love and The Waste Land. Basingstoke e Londres, Macmillan, 1984.